

ALLA

Academia Louveirense de Letras e Artes

IX COLETÂNEA



POEMAS - CRÔNICAS - CONTOS - ENSAIOS - ARTES



ACADEMIA LOUVEIRENSE DE LETRAS E ARTES

Fundada em 26 de abril de 2015, a Academia Louveirense de Letras e Artes surgiu de uma associação de escritores e artistas de Louveira, a AEAL, com o propósito de enriquecer a cultura de nossa cidade, celebrando a rica diversidade de seus acadêmicos, que incluem escritores, poetas, teatrólogos, compositores, músicos, artistas plásticos e artesãos.

Hoje, a ALLA é uma instituição consolidada, cada vez mais forte e atuante, que desempenha um papel fundamental na preservação do nosso patrimônio cultural, no estímulo à produção literária e artística, reforçando a identidade cultural e intelectual de Louveira.

Aos filhos do agora e às futuras gerações, sua energia, flexibilidade e capacidade de transformação. Eis o seu legado!

ALLA

Academia Louveirense de Letras e Artes

IX COLETÂNEA

ALLA - Academia Louveirense de Letras e Artes: IX Coletânea: poemas, crônicas, contos, ensaios, artes

Capa e fotografia da capa: *Liah Albuquerque*

Fotos do miolo: *João Batista*

Diagramação e identidade visual: *Liah Albuquerque*

Comissão organizadora desta coletânea (ALLA): *Diacuí Pagotti e João Batista*

Comissão revisora, escolhida para esta coletânea (ALLA): *Gil Leonard, Giovanni Cunha, Larissa Scomparim e Sandra Regina Rossi*

Revisão e orientação (Versum): *Profª Cláudia Unti e Liah Albuquerque*

Nota da editora: a revisão desta coletânea foi feita com base na variedade padrão da escrita do português em prática no Brasil, respeitando o uso de licença poética e as idiossincrasias de cada participante.

Editora Versum
(13) 99797-9458
www.editoraversum.com.br
editoraversum@gmail.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

ALLA : Academia Louveirense de Letras e Artes : IX
Coletânea : poemas, crônicas, contos, ensaios,
artes / organização Diacuí Pagotti, João
Batista. -- Louveira, SP : Editora Versum, 2023.

Vários autores.
ISBN 978-65-87126-29-6

1. Academia Louveirense de Letras e Artes
2. Literatura brasileira - Coletâneas I. Pagotti,
Diacuí. II. Batista, João.

23-174091

CDD-B869.908

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Coletâneas B869.908

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Agradecimentos

Gostaríamos de expressar nossos sinceros agradecimentos a todas as pessoas e instituições que desempenharam um papel fundamental na realização desta *IX Coletânea*.

Primeiramente, ao Sr. Estanislau Steck, atual prefeito, que tem sido um convicto apoiador da ALLA desde os primórdios, quando ainda éramos uma modesta Associação de Escritores. Sua participação ativa em nossos eventos, constante incentivo e colaboração contínua foram fundamentais para a transformação do nosso sonho em realidade. Hoje, prosseguimos cultivando essa união sólida e valiosa.

À Secretaria da Cultura e Eventos, pela parceria de longa data e pela efetiva cooperação em todos os nossos empreendimentos culturais. Seu apoio tem sido vital para o nosso sucesso ao longo dos anos.

Não podemos deixar de mencionar nosso vice-presidente, Samuel Moscospki, por seu amor e dedicação à Academia.

Ao ex-prefeito, Sr. Benedicto dos Santos Netto, por sua gentil e essencial contribuição para a apresentação desta coletânea.

À equipe da Academia: João Batista, nosso secretário; Larissa Scomparim, conselheira consultiva; e Sandra Regina Rossi, vogal que sempre, prontamente, atendeu aos nossos pedidos.

À Odete Moscospki, que não mede esforços em prol da Academia, e a todos os nossos estimados acadêmicos que tornam possível a nossa missão.

Ao querido amigo acadêmico-fundador, Carlos Miceli, expressamos nossa profunda gratidão. Sabemos que podemos contar com seu envolvimento nos momentos cruciais, pois é um conhecedor exímio dos assuntos relacionados à Academia.

À Editora Versum, representada por Liah Albuquerque e Cláudia Unti, pela competência, companheirismo e amizade demonstrados ao longo desta jornada.

Por último, mas não menos importante, estendemos nossos agradecimentos calorosos aos parentes e amigos dos acadêmicos, bem como aos nossos queridos leitores, que continuam a nos prestigiar e a apoiar nosso trabalho.

Sem o empenho, dedicação e amizade de todos os mencionados aqui, nossa *IX Coletânea* não teria sido possível. A vocês, nosso mais profundo reconhecimento e gratidão.

Com apreço,

Diacuí Pagotti

Presidente da ALLA- Academia Louveirense de Letras e Artes.

Apresentação

Eu acho. Eu tenho certeza disso. Está certo que temos que administrar muito bem as nossas vidas, mas... já está tudo preparado.

Veja a minha história. Íamos sair de Valinhos. Compramos dois lotes em Jundiaí, lugar muito bonito. Meu pai ia construir uma casa para levar a família para lá. Estava tudo certo, até emprego eu já tinha, mas eu era adolescente, ainda. Então, numa visita de meu tio, que morava aqui em Louveira (tio Silvio), disse: *Ah, não vai para a cidade, não! Vamos lá pra Louveira que eu arrumo um lugar, um sítio ali.* Era no trevo (mas não existia trevo ainda). E assim foi: vendemos os dois lotes e viemos morar aqui.

Conhecemos o dono da fazenda, seu Antônio Mendes e dona Bruna, que tinham três filhos. Ele foi o meu segundo pai e, ela, a minha segunda mãe. Eu tinha uns 15 ou 16 anos. Certo dia, ele me disse: *Olha, você escreve bonito, hein? E é bom na matemática!* – hoje, tudo mudou, mas eu era muito bom na matemática. Na época, havia mais três famílias de meeiros, e ele disse: *Você vai tomar conta das compras, adubo, embalagem, tudo o que precisa para manter a lavoura. Você vai ser o contador. Anota tudo!* – e depois, quando acabava a safra, acertava as contas com todos (até meu pai ele chamava, tinha um escritório na casa). Ele nunca falou que iria pagar alguma coisa para mim, e eu nunca cobrei. Quando chegou o dia, acertou 50% para os meeiros. Fez os cheques. Não tinha que fazer cheque para mais ninguém, mas ele continuou. Assinou outro. Para minha surpresa, ele fez um cheque para mim. Aí, o que fiz? Eu comprei roupas (e meus irmãos não podiam falar nada). [risos]

Seu Antônio e dona Bruna eram donos da Caramuru, estavam muito bem de vida. Conheci a casa deles em São Paulo, me levavam a restaurantes (eu nunca tinha entrado num restaurante!).

Tudo isso me ensinou a ser alguém na vida. É interessante isso. As histórias das pessoas. Como elas acontecem. O início das nossas vidas é muito importante.

Enquanto prefeito, sei que ajudei a fazer essa cidade crescer. O segredo disso? Amor. Quando a gente faz as coisas com amor... Isso me faz lembrar que certa vez trouxemos a Banda Marcial da região de Francisco Morato para tocar aqui, na semana da Pátria. Quando vi aquelas crianças, tocando tão bonito, fiquei apaixonado! Conversei com o maestro, compramos os instrumentos, as vestimentas e, em seis meses, criamos a 1^a Banda Marcial de Louveira – a atual Bamalo. Não tinha a Secretaria de Cultura, mas tinha a da Educação... Deu certo. A banda começou a ganhar os primeiros prêmios... Isso mexe com a gente. Isso mexe com as famílias. Isso é CULTURA!

Em se tratando da ALLA, eu e minha esposa ficamos muito felizes de vê-la nascer e crescer. Recebemos exemplares das coletâneas... Sabemos da história da Diacuí, atual presidente da Academia, que chegou com o circo, sua família e aqui se estabeleceu. É... esta é uma cidade que acolhe. Ninguém quer ir embora.

Dito.

Benedicto dos Santos Netto, conhecido como Dito, foi prefeito de Louveira durante dois mandatos (1989-1992 e 1997-2000).

Sumário

ANA LAURA DE CARVALHO PATRÃO.....	13
POR QUÊ?	15
ANDREA PELEGRIANELLI	17
(I)	19
(II)	20
(III).....	21
APARECIDO BI DE OLIVEIRA.....	23
REAL OU IMAGINÁRIO.....	25
UM GRANDE AMOR EM MINHA VIDA.....	26
HOMENAGEM AO REPÓRTER JORNALÍSTICO	27
BENEDITO APARECIDO CORRÊA.....	29
A CORRUÍRA	31
AMO ESCREVER	32
ESCRITORES DE LOUVEIRA	33
FLORES DA VIDA.....	34
CARLOS MICELI	35
SONHOS A REALIZAR.....	37
VOU ABRIR A PORTA.....	38
CARLOS TIOKAL.....	41
AO LONGE	43
LONGA ESPERA.....	44
DO NOSSO JEITO.....	46
CIDA REIS.....	47
PERCALÇOS.....	49
REZAVA	50
GRAFITE	52
DARCIO CALLIGARIS	57
UMA LINDA LIÇÃO	59

DIACUÍ PAGOTTI.....	65
PAULICEIA.....	67
DONIZETE SARAIVA DEOLINDO	73
NO MESMO BONDE	75
FIO DE CABELO	76
FRANCISCO ADÃO	78
ELEIDE REGES	81
PENSAMENTO.....	83
MINHA CIDADE	84
TEMPO DE SAUDADE.....	85
ERICK ROLF	87
DESCONEXA CONEXÃO	89
O TEMPO NÃO EXISTE	92
PERFEIÇÃO ILUSÓRIA.....	94
GERSON DOMINGOS DE OLIVEIRA	95
BEIJO ENCANTADO	97
CASEBRE.....	98
O RICO E O POBRE.....	100
GIL LEONARDI.....	101
CANÇÃO DE NINAR.....	103
ODE À ALLA	105
GIOVANNI CUNHA.....	107
RECOMEÇO – PARTE II - OS QUE FICARAM PARA TRÁS.....	109
IRIS DE OLIVEIRA VERZARO	113
CAI CHUVA. É MADRUGADA NA ESTAÇÃO DE LOUVEIRA	115
SOLITUDE	116
UMBRAL	117
JOÃO BATISTA.....	119
MARMITA DE MÃE.....	121
BELEZA HONESTA.....	122
MINHA ESQUINA	124

JÚLIA FERNANDES HEIMANN	125
SERÃO CONHECIDAS AS ORIGENS?.....	127
LARISSA SCOMPARIM	131
LEMBRANÇA DO “MATA-PIOLHO” DA VÓ JANDA	133
SEM ELE, O QUE DIZER?	134
EU SOU CRIANÇA.....	136
LOURIVAL DE BARROS SANTOS.....	137
POTÁSSIO, SUAS MARCAS RAQUEADAS SÃO PENETRANTES.....	139
GÉLIDO OLHAR	140
ODORES.....	141
MARLEI CAMANHES DE OLIVEIRA	143
NEUSA ROSSI CEVALHOS	147
ODETE MOSCOSPKI	153
SAMUEL MOSCOSPKI	159
MÃE ROCEIRA	161
NATAL NO SERTÃO	163
SANDRA REGINA ROSSI.....	165
E AGORA?.....	167
HOJE E O AMANHÃ	168
O AMOR É CAPAZ DE TRANSFORMAR O MUNDO	169
O QUE SERÁ DE NÓS.....	170
SONIA BALDO	173
UM SONHO A NAVEGAR	175
O VELHO AÇUDE.....	176
ESTRADA DA VIDA	177
UBIRAJARA DE SOUZA TAVARES	179
CROMO	181
SE	182
ANGÚSTIA POR AMAR.....	183





ANA LAURA DE CARVALHO PATRÃO

Cadeira nº 9
Patrono: Ariano Suassuna



Natural de São João da Boa Vista - SP, mora em Louveira desde 1970.

Professora aposentada, lecionou na E.E.P.S.G. "Prof. Joaquim Antônio Ladeira" durante vinte e um anos.

Escritora e poeta, no ano de 2014 participou da Antologia *Passagem para um Sonho*.

"A tarefa de viver é dura, mas fascinante."

Ariano Suassuna

Por quê?

Às vezes me pergunto:
Por quê?
Ultimamente minha vida anda cheia de porquês.

Tens menos de dois anos
Por que isto?
Por que isso?
Por que aquilo?
Por que outro?

Porquês...
Porquês...
Porquês...

Por que regredir?
Por que saber?

Vale a pena?

Somente gasto pena?

Espaço?
Tempo?

Há tempo para algum compasso?
Sigo apertando o passo.

Vou ao paço,
Agora, passeio.
Onde?
Na praça.
Sorvete?
De graça.



Que praça?

Da vida.

Dá-me calafrios
Ver-te tão perto
E tão longe ao mesmo tempo,
Como se fosses meu rebento,
O filho que já não posso ter mais
Para embalar com meus cantos,
Para deliciar-me com teus encantos,
Para não sorrir-me jamais.

Então, te pegarias no colo,
Aconchegar-te-ia em meus braços,
Dar-te-ia um quente abraço,
Para poder te aninhar.

Não sentiria meu colo vazio,
Nem minha alma no estio.

Até me dá arrepio
Ensinar-te a caminhar.



ANDREA PELEGRINELLI

Cadeira nº 36
Patrono: João Cabral de Melo Neto



Nasceu em Pirajuí - SP, em 10 de maio de 1977. Mãe de Renato Rafael e Bernardo. Graduada em Gestão Pública. É jardineira e paisagista.

Escritora e poeta, sua estreia na literatura aconteceu na década de 1990, participando em diversas editoras. Seu primeiro livro, *Afeições*, pela Editora Scortecci, publicado em 2000, promoveu uma noite de autógrafos no lançamento.

Em 2009, publicou *O leãozinho Nunu*, pela Editora In House. Já em 2012, *Eu sou o Pecado, a paixão, o prazer... Cecília*, edição bilíngue (português/italiano), pela Ed. Garcia Edizioni.

No ano de 2015, no projeto *Sementes Líricas*, pela Editora Literacidade, foi selecionada para o primeiro plantio, com o título: *imperfeita – sementes líricas de andrea pelegrinelli*. Além disso, *Evangelini – olha-me de novo*, pela Editora Penalux.

“Saio do meu poema como quem lava as mãos...”
João Cabral de Melo Neto

(I)

Rasga meu corpo, enquanto
adentras com teu amor...

Faz-me mulher!

Verte-me imaculada
ao comungar da carne,
do teu corpo febril

Faz de minha pele, altar
E ora como anjo caído
Que ganhou o céu...

Unge-me, com teu líquido sagrado,
para batizar-me à eternidade...

E meus lábios, *rubiosos*,
louvarão fervorosos,
para que permaneças
dentro de mim, para sempre...

Meu glorioso pecado!



(II)

Decidi,
você entra e fica
ou fica onde está...
Se não for capaz
de me amar
da maneira que sou,
inteira...
Sem apagar minhas digitais,
assim eu fui feita
pro amor
das mãos aos pés e aos fios de cabelo...
Não tente o contrário!
Que te revelo o meu hostil.

(III)

Deus não me salvou
no dia em que meu coração caiu
no abismo dos teus olhos fervorosos e ácidos,
e as pétalas do meu corpo se despedaçaram
sobre o teu em urgências...

— Não mais se desarmonizaram —
Fizeram-se contas de um rosário.
Ave! Minh'alma não me pertence.
Sou presentemente tua.
E não há ninguém que me cura.
Ainda que implorassem súplicas...
Deus não me salvou
do amor que é teu.
Louvado seja teu corpo em mim!





APARECIDO BI DE OLIVEIRA

Cadeira nº 35
Patrono: Edilson Camargo Caldeira



Vinhedense, e louveirense de coração, é poeta, escritor e compositor.

Participou de várias coletâneas, antologias e livros, incluindo: *Eu amo Vinhedo*; *Mogi das Cruzes 450 Anos*; *Desperte o Poeta que Existe em Você*; *Antologia do Clube dos Escritores de Vinhedo*. Fez parte do projeto *Mil Poesias para Gonçalves Dias*, em São Luís - MA, que contou com a colaboração de poetas brasileiros e de diversos países ao redor do mundo. Seu comprometimento com a literatura rendeu-lhe a Comenda e Menção Honrosa da Academia Caxiense de Letras, onde recebeu o título de "Tupi de Caxias".

Artista plástico, ator, diretor teatral, empresário e gestor cultural, Edilson Camargo Caldeira foi Secretário da Cultura de Louveira de 24 de março a 17 de dezembro de 2014.

Real ou Imaginário

Se todas as minhas visões e imaginações
forrassem o íntimo de meu coração carente,
transformando-o num depósito de ilusões,
ele transbordaria com tantas emoções frequentes.

O imaginário se torna verdadeiro ao se realizar;
a minha crença passa a ser prodigiosa,
pois a fé necessita deste crepitar,
e a minha volúpia fica mais auspíciosa.

Depois deste transitável processo,
volto a conviver com a implacável realidade,
onde evidencio o meu retrocesso,
neste mundo sem justiça e pouca lealdade.

Contudo, aprendi na essência,
quer no âmbito global, real ou imaginário,
que na vida, mesmo com sua turbulência,
tenho que contracenar neste dantesco cenário.



Um Grande Amor em Minha Vida

Demorei, mas encontrei
um grande amor em minha vida.
Ela veio de mansinho,
pra iluminar o meu caminho.

Rendo graças ao meu Deus,
que a pôs no meu caminho.
Há tempos estava sozinho,
sem amor e sem carinho.

Agora estou feliz,
não vivo mais magoado.
Tenho esta criatura
tão bonita ao meu lado.

O seu nome é Madalena,
nossa amor é demasiado.
Eu por ela, ela por mim,
nós estamos apaixonados.

Homenagem ao Repórter Jornalístico

Vou descrever em versos minha homenagem
ao repórter, importante profissional da comunicação.
Com sua pauta na mão, dá à reportagem nova roupagem,
levando o conhecimento da notícia à população.

No início de sua carreira, é chamado de *foca*,
que significa ser inexperiente no cargo, depois se alterna.
Com o tempo, vai deixando este apelido que o sufoca,
para aventurar-se na profissão com suas próprias pernas.

Redige a matéria, após pesquisar e checar tudo,
onde entrevista as fontes, noticiando em primeira mão,
expressando a melhor forma de transmitir seu conteúdo,
com eficaz dedicação, passando-nos extrema emoção.

Também se encarrega de abastecer o veículo de comunicação,
sabendo que a primeira obrigação do jornalismo é a verdade.
Sua essência é a disciplina da verificação,
exercendo o direito do que diz a consciência,
com imparcialidade.





BENEDITO APARECIDO CORRÊA

Cadeira nº 20
Patrono: José Fortuna



Natural de Cabreúva-SP, reside em Louveira desde 1958.

Foi colunista do jornal Folha Notícias e radialista pela Rádio FM Santos Dumont de Jundiaí.

Como poeta, participou de diversas coletâneas.

"Aqui estou meus velhos companheiros, olhem pra cima pra me ver passando em meu cavalo, raio de luar..."

José Fortuna

A Corruíra

A corruíra é um pássaro
Que canta ao redor das casas
Tem a cor marronzinha
Ave delicada e pequenina

Gosta de fazer seu ninho
Em muros e cumeeiras
Vive em quintais e jardins
Caçando insetos com a sua parceira

Tem um cantar melodioso
Que o coração suspira
Tranquiliza a alma da gente
Com uma paz que nos inspira

Não tem mal que resista
O astral dessa ave bendita
Ela traz harmonia no lar
Amor, alegrias e conquistas

Eu amo todos os pássaros
Mas esse vive em mim
Quando ele canta em casa,
É de uma felicidade sem fim

O ambiente fica suave
O ar com cheiro de vida
Entre todos os passarinhos
Eu sou xonado pela corruíra



Amo Escrever

Meu *hobby* é escrever
Principalmente poesias
Quando estou sozinho
Não deixo a mente vazia
Me inspiro na natureza
Em suas mil maravilhas

Os colibris coloridos
Molhando as plantações
As cores das borboletas
O solo branco da geada
As cigarras zunindo
As neblinas e cerrações

Amo contemplar o sol
As estrelas e a lua cheia
A terra, o céu e o mar
Os rios e as represas
Resumo tudo em poesias
Com amor e clareza

Escrevo sobre as pessoas
Gosto de olhar as nuvens
Sob os ipês floridos
Com relâmpagos e trovões
A beleza das florestas
Ver a chuva caindo

Amo ver as montanhas
Os campos e pantanais
Serras, montes e colinas
Planícies naturais
Admiro o ar silencioso
E aprecio os vendavais

Escritores de Louveira

Dia vinte e dois de agosto
De dois mil e vinte e três
Comemoramos treze anos
Que Louveira nos satisfez

Abrilhantando seus escritores
De Letras, Artes... É pura poesia
Deixando como lembranças
Suas histórias e seu dia a dia

Hoje temos na cidade
Uma excelente Academia
A nossa sala da ALLA
Que só nos dá alegria

Com membros inteligentes
De diversas culturas
Poetas, autores e músicos
E profissionais na pintura

Eu me sinto muito honrado
Desta academia pertencer
Por compor meus poemas
E muitas pessoas para os ler

Só mesmo uma cidade
Histórica como Louveira
Para preservar as raízes
Desta terra brasileira



Flores da Vida

Eu amo todas as flores
Seja qual for a variedade
Mas sou contra apanhá-las
Não faz a minha vontade

Prefirovê-las no pé
Mostrando as suas belezas
Tirar a vida das plantas
Entristece a natureza

Quem quer um vaso enfeitado
Que coloque flores artificiais
Elas também são bonitas
Quase iguais às naturais

Existem em variadas cores
Só dependem do seu gesto
Deixem-nas vivas no jardim
Atendam ao meu protesto!

Respeitem um bem valioso
Tem gente que vê uma flor
E corre logo para apanhá-la
Tira as pétalas da coitada
Somente para estragá-la

Esquece que elas têm vida
Que também sentem sua dor
Isto para mim é maldade
De pessoas que não têm amor



CARLOS MICELI

Cadeira nº 33
Patrono: Antonio Carlos Jobim



Paulistano, reside e tem seu ateliê em Louveira, desde 2010.

Bacharel em Economia e pós-graduado em Administração de Recursos Humanos pela FAAP, investiu em seu desenvolvimento artístico através de diversos cursos livres, incluindo um em História da Arte no MAM-SP.

Como artista plástico, participou de várias exposições individuais e coletivas e teve obras premiadas. Fez parte da *II Bienal Internacional de Arte Gaia 2017*, em Portugal. Sua influência no cenário artístico se estende além da criação, pois também desempenhou o papel de membro de júri em salões de Artes Plásticas.

Na esfera literária, contribuiu com seus poemas em diversas coletâneas.

No campo musical, é compositor e produtor, tendo lançado dois discos autorais.

“Quando uma árvore é cortada ela renasce em outro lugar.

*Quando eu morrer quero ir para esse lugar,
onde as árvores vivem em paz.”*

Tom Jobim

Sonhos a Realizar¹

Quando te conheci
A gente pouco se falava
Passava perto de ti
E quase nem notava
Mas com o tempo pude observar
Como era lindo teu sorriso
Como era belo teu olhar
E, de repente, um sentimento, enfim, chegou
Foi para nós um grande amor
Tudo então se transformou
E hoje estamos juntos a caminhar
Com muitos sonhos a realizar
E muito tempo pra se amar

¹ Poema musicado pelo autor. Faz parte de seu 1º disco - "Samba e Bossa de Carlos Miceli"



Vou Abrir a Porta²

Devo agora abrir a porta
Do meu sofrido coração
E quem sabe ainda possa
Dar passagem a nova emoção
Vou deixar sair os sentimentos
Que estão a me torturar
Vai ficar caminho aberto
Para a alegria que chegar
Tenho que ter essa chance
Novo caminho trilhar
Encontrar a direção
De novo recomeçar

² Poema musicado pelo autor. Faz parte de seu 2º disco - “O meu bloco a desfilar”.



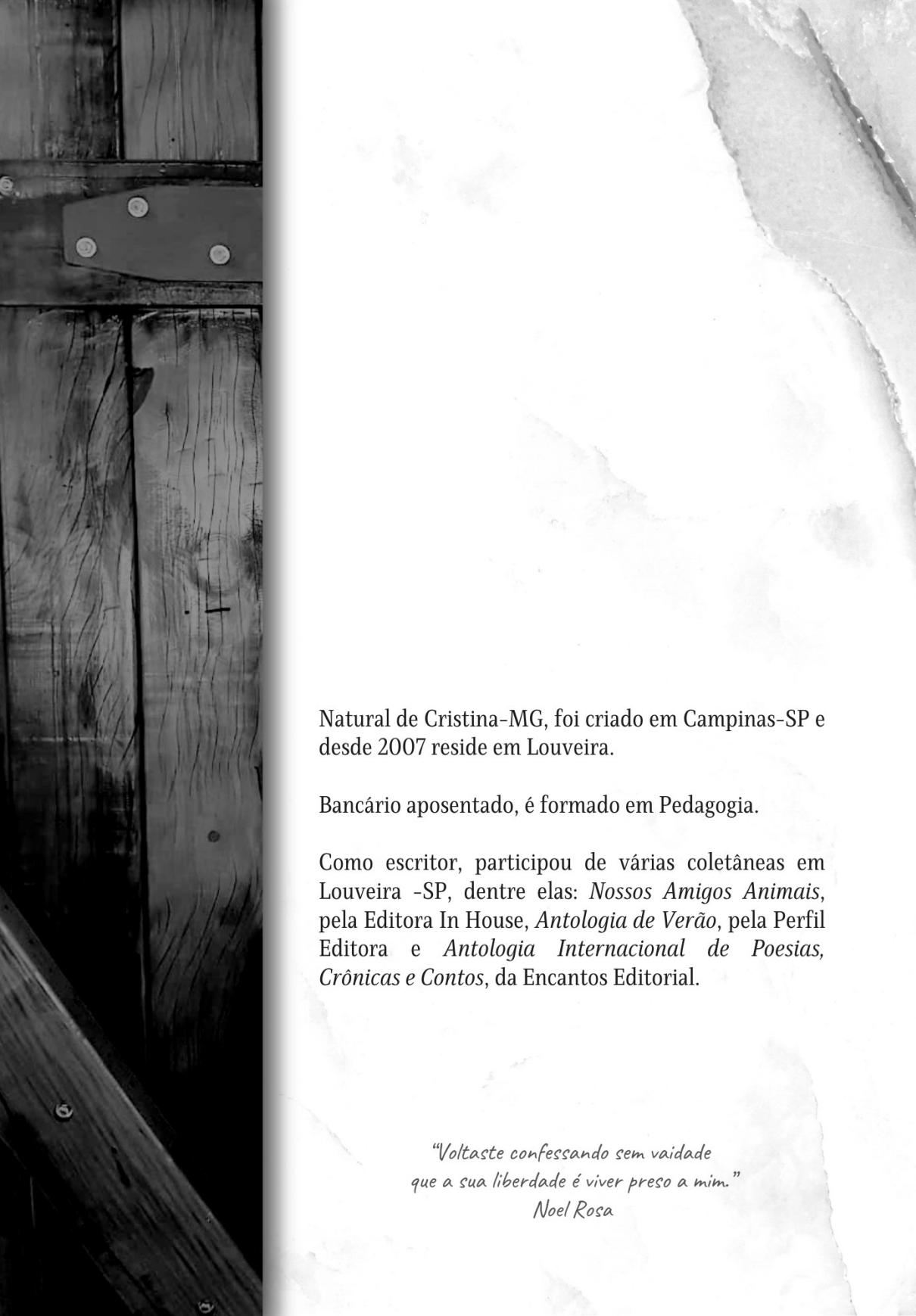
AST - 0,90 x 1,50 - "HORizonte IMAGinÁRIO" - CARLOS MICELI





CARLOS TIOKAL

Cadeira nº 30
Patrono: Noel Rosa



Natural de Cristina-MG, foi criado em Campinas-SP e desde 2007 reside em Louveira.

Bancário aposentado, é formado em Pedagogia.

Como escritor, participou de várias coletâneas em Louveira -SP, dentre elas: *Nossos Amigos Animais*, pela Editora In House, *Antologia de Verão*, pela Perfil Editora e *Antologia Internacional de Poesias, Crônicas e Contos*, da Encantos Editorial.

*"Voltaste confessando sem vaidade
que a sua liberdade é viver preso a mim."*

Noel Rosa

Ao Longe

Desde a mais tenra idade dos meus períodos
platônicos, sempre te amei em silêncio.

Achava inacessível falar contigo,
faltava-me coragem, pois tua presença me causava
medo.

Não sabia se você me amava ou se me odiava.
Se me odiou, foi covarde em não se expressar.
Se me amou, interpretou bem por não se deixar
perceber.

O tempo passou e nossas vidas tomaram rumos
diferentes.

E hoje te vi do outro lado da rua.
Não resisti e segui os teus passos sem ser notado.

Olhei teu rosto, já com marcas sulcadas pelo tempo.
Teu corpo airoso, apesar da idade avançada.

Precisava falar do quanto te amei, gritar que te amo e
ainda poderia te amar.

Resolvi parar, não me atrevi.
Preferi imaginar como seria se tivesse me declarado
antes.

Talvez eu tivesse sofrido bastante, mas hoje já teria
sarado.
Mas não sarou.

Parei...
Tergiversei...
E, me acovardando novamente, te deixei ir embora.

Longa Espera

Eu a via com olhar esperançoso e, ela, com o seu jeito
meigo, me atraía.

Sua timidez às vezes me incomodava, mas o seu modo
desengonçado me deixava feliz.

Eu analisava o seu nervosismo em suas respostas
lacônicas, observando e seguindo seu olhar curioso.

Seus olhos, cabisbaixos, nunca me encaravam,
mas eu tinha certeza de que ela gostava da fragrância,
que eu naturalmente exalava.

Sentia-me um docente e ela pacientemente ouvia
meus longos discursos.

Ela gostava da mesa posta e das quitandas que eu fazia.

Gostava também do inebriante cheiro de café, o qual
sorvia com sedenta naturalidade.

Também gostava de me ouvir discorrer sobre a vida
e, curiosa que era, ficava fascinada com minhas divagações.

Eu gostava do perfume natural do seu corpo,
sua transpiração me inebriava.

E quando nos amávamos, ela emitia sons guturais
com aroma de tabaco e hortelã.
E isso me enlouquecia...

De longe, eu ouvia a água caindo em seu corpo,
deslizando pelos vestígios do amor feito.

E eu, contrariamente, deixava os seus fluidos
permanecerem mais tempo em meu corpo.

Com muita paciência, eu a via partir,
sem saber quando a veria novamente.

E em minhas juras de amor, existentes somente
em meus pensamentos, aguardava ansioso a sua volta.

Suas idas e vindas me faziam feliz. Sonhava que
um dia ela seria somente minha.

Ledo engano. Ela demorava a voltar. Do doce encontro,
ficava apenas seu cheiro em meu travesseiro.



Do Nosso Jeito

Eu amo você do meu jeito
e o meu jeito de amar não é o certo.

Você me ama do seu jeito
e o seu jeito de me amar é o certo.

O meu jeito de te amar me faz sofrer
e o seu jeito de me amar me faz feliz.

Quando eu te amo do meu jeito, fico sem jeito.
Quando você me ama do seu jeito, também fico sem jeito.

Assim, desse jeito, vamos nos amar do nosso jeito.



CIDA REIS

Cadeira nº 28

Patrono: Carlos Drummond de Andrade



Maria Aparecida Crevelari Reis.
Nome artístico: Cida Reis.

Valinhense, nascida em 12 de janeiro de 1959, filha de Antenor Crevelari e Olga Mamprin Crevelari. Consta ainda, na constelação familiar, esposo Aluísio de Siqueira Reis, os filhos Aluísio, Bruno Yuri e José Victor e a neta Alice Bui Reis.

Formanda pela Faculdade Anhanguera de Valinhos em Comunicação Social - Habilitação em Publicidade e Propaganda, trabalhou como funcionária pública em Valinhos e em Louveira, estando atualmente aposentada.

Escritora e poeta, desde 2015 faz parte da Academia Louveirense de Letras e Artes (ALLA).

Idealizadora, fundadora e atual vice-presidente da Academica Valinhense de Letras e Artes (AVLA), assumiu em 2022 a cadeira de número 29, fortalecendo ainda mais seu comprometimento com a promoção das letras e das artes em sua comunidade.

*“A leitura é uma fonte inesgotável de prazer,
mas, por incrível que pareça,
a quase totalidade não sente esta sede.”*
Carlos Drummond de Andrade

Percalços

Amarras me prendem e me calam.
Tantas ciladas eu tive que enfrentar.
Quanta cicuta tive que tomar.
Tem dias em que o meu entusiasmo vem a falhar.
Minhas pernas estão cansadas e o coração apertado.
Busco dentro de mim coragem, e já não lamento.
Contudo, lágrimas amargas descem pela minha face.
Não vejo saída.
Não encontro luz e a exaustão toma conta do meu ser.
Penso insistente... onde foi que eu errei?
Por que meus caminhos são tão cheios de curvas?
Me sinto atada e os percalços tomam conta dos meus dias.
Me sinto frágil e completamente só.
Fiz uma couraça e me envolvi para tentar não sofrer.
O mundo todo me assola.
Mas há dias de paz.
Suspiro um sopro frágil... ahhh... existe uma trégua!
Sinto que apesar dos pesares tem um antídoto, e ele se faz transbordar... sigo em frente sem medo de errar.



Rezava

Ela estava absorvida nos seus pensamentos e entre eles lembrava dos sorrisos e também dos seus lamentos.

Sonhava pela liberdade.

Mas, dentro dela, havia uma prisão escondida no seu submundo.

Ela não sabia se sua existência estava próxima ou distante do fim.

Rezava.

Refletia sobre a existência humana.

Éramos muitos e, ao mesmo tempo, poucos de nós restavam, daqueles que ainda tinham fé.

Vez ou outra a incerteza batia forte no seu coração.

Rezava.

Porque doía a sua carne e o seu corpo.

Como ferro em brasa, lembrava-se das inúmeras cicatrizes que a vida lhe havia dedicado.

Apenas no silêncio absoluto da escuridão, surgiu um conforto sensível.

Rezava.

Porque ela ainda tinha fé e suas esperanças afloraram em seus sentidos.

Sentia que existia uma luz no final da estrada.

Mas, ainda nesta hora, tudo estava opaco.

Sua alma desejava paz.

Rezava como as beatas das igrejas.

Não queria ter vazios como companhia, nem perdas sem causas latentes.

Seguia seu caminho refletindo.

Não havia cor.

Nem preto,

Nem branco,

Nem amarelo.

Rezava por um espectro colorido, onde as sete cores poderiam brilhar.

Seu choro mudo brotava nas suas faces.

Sufocada pelas histórias mundanas, onde não havia clemênciа e nem compaixão.

Não havia tréguas.

Então... rezava de joelhos e com suas mãos unidas, pra que suas orações chegassem ao Senhor.

E, ainda confusa, pensava... que, talvez, nunca saberia o porquê de tantos flagelos.

Então... ela rezava e rezava.



Grafite

Sabe aquele desenho que é feito com lápis grafite?

Todos nós sabemos.

Pois é!

Eles vão tomando forma, com linhas retas e curvas.

São desenhos que aprendemos a fazer desde muito jovens.

Neles existem linhas tortas e outras indefinidas, mas estão ali sendo traçadas.

Depois, vem os coloridos e muitas vezes saímos do contorno.

Invariavelmente, o desenho fica um tanto feio e desajeitado.

Após certo tempo, o desenho é guardado em uma gaveta, começa a amarelar e ele deixa de ser importante.

Ao longo do tempo, o desenho pode até ficar perdido em um monte de outros desenhos.

Mas, a esta altura, já está totalmente sem importância.

Bate a tristeza, lágrimas escorrem no meu rosto, distendendo com rapidez no papel em que insisto estar.

É a vida!

Sinto que o desenho vai se apagando e o papel se dissolvendo cruelmente.

O que resta a fazer?

Torcer para que esta apara de papel se transforme em um papel novinho?

E assim daria continuidade aos desenhos de minha vida?

Existem fôlegos sufocados e inúmeras belezas engavetadas.

Então abra as gavetas...

Trace, rabisque e recicle.

... ainda há tempo... papel e grafite.









DARCIO CALLIGARIS

Cadeira nº 13
Patrono: Augusto dos Anjos



Natural da capital de São Paulo, é farmacêutico bioquímico, formado pela USP - Universidade de São Paulo.

Atuou na indústria farmacêutica por 40 anos, passando tecnologia, formando profissionais da área. Professor universitário por 20 anos, atualmente ministra palestras e cursos de especialização.

É autor de *Farmacotécnica - Revestimento de Formas Farmacêuticas*: o segundo livro nesta área, publicado no Brasil.

“... Que ninguém doma um coração de poeta.”

Augusto dos Anjos

Uma Linda Lição

Numa sociedade competitiva como a que vivemos, onde o orgulho, o egoísmo, o ódio, a vingança e as críticas destrutivas são sentimentos rotineiros, é raro encontrar um ser humano com mais virtudes do que defeitos. Pois eu o encontrei.

Recentemente, telefonei para um grande amigo, Sergio. Quem atendeu foi a esposa dele, Isabel. Com um tom de voz triste, relatou que estava muito preocupada com o Sergio, recém-diagnosticado com câncer no cérebro. Precisando de cuidados especiais, ele havia optado por morar em uma casa de repouso.

Fiquei surpreso e emocionalmente abalado, e garanti à Isabel que o visitaria naquele mesmo dia.

Minha amizade com o Sergio tem mais de meio século! Estudamos juntos no colégio até entrarmos na faculdade.

De origem humilde, Sergio sempre foi alegre e inteligente, dono de um sorriso bondoso que transmitia uma energia muito forte a todos. Conseguiu progredir por esforço próprio, tornando-se um executivo bem-sucedido. Regularmente nossas famílias se reuniam, todos nós nos dívamos muito bem.

Quando Sergio foi para a China presidir uma grande empresa, nos separamos por um período. Mas sempre nos encontrávamos quando ele visitava o Brasil.

Em nossas conversas, ele costumava dizer, com aquele tom de voz animado, que mesmo diante das dificuldades na vida profissional e pessoal nós evoluímos com as adversidades, e Deus nos ajuda inspirando nossas decisões.

Ao retornar definitivamente ao Brasil, também em um cargo de presidência, sua exaustão era visível, mas ele se mantiha firme e olhando para a frente.

Fazia três meses que ele estava de volta. No pouco que conversamos, senti algo estranho nele. Apesar de meus

questionamentos constantes e da oferta de ajuda, ele nada respondia. Até aquele dia em que minha ligação foi atendida pela Isabel.

Fui com minha esposa à Morada do Encanto, casa de repouso onde Sergio estava, uma mansão de alto padrão que mais parecia um hotel cinco estrelas. Ali, Sergio recebia atendimento médico constante e era acolhido como se estivesse no conforto de seu lar.

Estacionamos o carro e logo fomos atendidos por uma gentil recepcionista elegantemente vestida, que nos levou às acomodações de Sergio, um amplo apartamento bem decorado e muito confortável.

O atendimento médico e o serviço de enfermagem eram de primeira linha, e todos o tratavam muito bem. Às quintas-feiras, ele fazia tratamento oncológico no Hospital Albert Einstein.

Medicado, não sentia dor. Já tinha se consultado com vários especialistas em câncer no cérebro, tanto no Brasil como no exterior, entretanto, ainda não havia encontrado a cura.

Sergio e eu nos abraçamos emocionados. Ele me disse que eu estava gordo e que deveria emagrecer. Tomamos café e relembramos momentos felizes que havíamos passado juntos.

Foi um encontro feliz. Sergio estava animadíssimo com minha visita e me convidou para conhecer a casa de repouso.

— Vamos ao aprendizado, meu querido amigo. Isso aqui é uma escola, pena que nos damos conta muito tarde.

Caminhamos juntos por um corredor largo, bem iluminado e florido. Sergio me explicou que a casa era dividida em três setores: um para hóspedes com boa mobilidade, capazes de realizar todas as atividades sozinhos; um para os que tinham dificuldade de locomoção; e um para aqueles totalmente dependentes.

Após visitar os três setores, uma tristeza imensa tomou conta de mim ao ver tantas pessoas que não sabiam mais quem eram. Aquela casa, apesar de toda a beleza, emitia uma nódoa escura em minha mente, me deixando deprimido. Eu nunca tinha visitado uma casa de repouso, e aquele fora realmente um grande aprendizado, que me gerou muita reflexão. Imaginei como seriam os asilos e as casas de repouso destinadas às pessoas menos favorecidas.

Comentei com Sergio como estava me sentindo. Ele colocou a mão em meu ombro e disse:

— É assim mesmo, poucos conseguem enxergar esta realidade como você está enxergando.

Sergio quis me apresentar uma pessoa muito querida dele. Sr. Armando, 85 anos, era um ex-deputado federal, fazendeiro, empresário do ramo de supermercados, muito alegre e divertido, um ótimo contador de histórias.

Quando relatei a ele o que senti ao visitar os diferentes setores, ele respondeu sorrindo:

— Foi bom você ter vindo aqui, este lugar nos ensina muito. A realidade aqui entristece os corações mais duros. Garanto que irá refletir por muitos dias sobre a visita.

Sr. Armando, apesar do desconforto causado por seu tratamento, estava sempre sorridente, ainda que carregando um suporte com um frasco de quimioterápico. Era capaz de passar horas nos distraindo com suas histórias; tinha um jeito especial para encontrar o aspecto positivo e engraçado em qualquer situação, por mais difícil que ela se apresentasse. Contou-nos que, durante toda a vida, fora orgulhoso e egoísta, mas, após o surgimento da doença, teve início um aprendizado dentro de si que ele pratica até hoje e ensina aos outros.

Eu e o Sergio o escutamos atentamente. Ele nos contou que estava com câncer há mais de 15 anos, havia feito diversas cirurgias, ido em diversos especialistas, entretanto, para

administrar a doença, necessitava mudar totalmente seus hábitos. Esta força é que o mantinha vivo e sorridente. Ele também tinha se tornado uma pessoa caridosa.

E assim começou o nosso aprendizado com o Sr. Armando. Sergio e eu nos sentamos em um largo sofá, ao lado do Sr. Armando, e ele começou sua explanação:

Imaginemos um diamante na forma bruta, cheio de irregularidades. Se nós desejamos que ele se transforme em um diamante lapidado, dos mais cristalinos e brilhantes, precisamos retirar todas as suas imperfeições, reformando-o completamente e polindo todas as suas faces.

O mesmo acontece conosco, por meio da nossa modificação interior, social, mental e moral. Podemos retirar as imperfeições de nossas emoções. O resultado será paz e felicidade.

O filósofo grego Sócrates disse: "Conhece-te a ti mesmo".

Nesta busca de autoconhecimento, por meio de nossa autoanálise, vamos reconhecer as nossas emoções, sejam elas boas ou ruins, através de nossa evolução mental, deixamos de lado as más, atingindo, assim, o domínio de nós mesmos. Tornamo-nos pessoas mais úteis e adaptadas à sociedade, com paz e felicidade.

Não existe uma fórmula mágica para essa mudança. O ponto de partida, contudo, deve ser a disposição para nos modificarmos, nos aprimorarmos e evoluirmos emocionalmente, enxergando melhor a vida, o mundo.

Também é importante agirmos com calma, de forma lenta, silenciosa e paciente. Que tal começarmos pelo menor defeito e, sem desânimo e com persistência, seguirmos em busca do maior defeito?

Um exemplo simples: às vezes, não somos tolerantes com determinadas pessoas, e ficamos irritados por elas não serem iguais a nós na forma de pensar e agir. Nesse caso, se nos modificarmos emocionalmente, tornando-nos mais tolerantes, aceitando as pessoas como elas são, seremos mais felizes.

Na busca pela nossa felicidade, precisamos eliminar as nossas imperfeições, como egoísmo, orgulho, ódio, raiva, vingança, inveja,

críticas destrutivas, vícios (jogo, cigarro, álcool e drogas ilícitas), e substituí-las por amor, caridade, tolerância, paciência e perdão.

Apesar dos problemas que a vida nos apresenta a cada dia, essa prática pode nos ajudar a nos livrarmos de nossas falhas, nos transformando em pessoas do bem, gentis, atraindo só coisas boas por meio de nossos pensamentos e nossas ações.

A maior imperfeição dos seres humanos é o interesse pessoal, representado pelo egoísmo, um dos grandes males da humanidade e uma praga social. Ele cresce a cada dia e é preciso combatê-lo como se combatesse uma pandemia, pois ele é a causa de muitas doenças fatais, vícios e até suicídios.

Com a evolução tecnológica, as pessoas deveriam viver mais tranquilas, entretanto, elas estão desesperadas. Correm de um lado para o outro em busca de bens materiais, competindo umas com as outras em todos os espaços – na família, nas escolas, nas universidades, nos locais de trabalho –, em busca de poder, status social, político e satisfação pessoal.

Com a autoanálise, é possível compreendermos as causas de nossas falhas e, a partir daí, eliminá-las. Por exemplo: se nos percebemos egoístas, temos de nos tornar justos, amorosos, caridosos em nossos pensamentos e ações, para então sermos felizes, agora e no futuro.

Sentimentos ruins geram infelicidade, levam a perturbações nas nossas relações sociais, provocam injustiças, discriminação, desarmonia, e nos colocam em uma posição de defesa em relação aos outros. Transformamos amigos em inimigos.

Assim que ele terminou, agradecemos ao Sr. Armando por dividir conosco seu aprendizado e prometi a ele refletir sobre o tema, colocá-lo em prática e repassá-lo para as outras pessoas.

Despedimo-nos do Sr. Armando. No corredor, o Sergio comentou que, se soubéssemos desses ensinamentos antes, talvez nossa vida tivesse sido bem melhor e, quem sabe, ele nem estivesse naquela casa de repouso.

Minha esposa veio ao meu encontro e sugeriu que ficássemos para o jantar.



Foi um momento inesquecível. Sergio faleceu uma semana depois.

Atualmente, procuro me transformar interiormente, social, mental e moralmente a cada dia e, periodicamente, visito asilos, acompanhado de outras pessoas, para que conheçam uma realidade diferente e recebam muitos ensinamentos valiosos, como aconteceu comigo.



DIACUÍ PAGOTTI

Cadeira nº 16
Patrono: Humberto de Campos



Adélia Diacuí Cruyer Founonatt Pagotti é membro-fundadora e atual presidente da Academia Louveirense de Letras e Artes (ALLA).

Filha de pais circenses, é natural de Araçoiaba da Serra, interior de São Paulo, e está radicada em Louveira desde 1972.

Participou de diversas coletâneas, incluindo *Escritores Brasileiros* e, ainda, *Brasil e Portugal, duzentos anos unidos de alma e coração*, ambas lançadas em Lisboa - Portugal, em 2016.

“A natureza é sábia e justa. O vento sacode as árvores, move os galhos, para que todas as folhas tenham o seu momento de ver o sol.”

Humberto de Campos

Pauliceia

Aos quarenta anos de idade, tive o prazer de conhecer Marta em uma sala de aula, onde ela desempenhava o papel de minha professora de Psicologia. O que começou como uma relação acadêmica, logo se transformou em uma profunda amizade que transcendeu os limites da relação professora e aluna.

Em um dia especial, Marta me convidou para participar de uma reunião de mulheres que aconteceria em seu consultório. A proposta parecia intrigante, então aceitei o convite de bom grado. O encontro foi uma experiência enriquecedora, repleta de dinâmicas interativas e compartilhamento de vivências pessoais. Além disso, não posso deixar de mencionar o agradável chá que foi servido em um jardim muito bem cuidado, decorado com vasos de flores deslumbrantes e pequenas mesas com cadeiras de ferro brancas. As buganvílias que adornavam o gazebo também me encantaram. Durante o evento, tive a oportunidade de conhecer Mônica, uma mulher da minha idade. Enquanto conversávamos, ela perguntou se eu morava em Campinas.

— Não! — respondi — Atualmente moro em Louveira, que fica bem perto daqui.

— Atualmente? — perguntou ela.

Curiosa, parecia querer entender minha história. Assim, expliquei-lhe que meu passado estava ligado ao circo, pois meu pai era proprietário de um. Essa conexão havia me levado a viver em diversas cidades ao longo dos anos, até finalmente me estabelecer.

— Que maravilha! Vou compartilhar um segredo com você. Também vivi a vida circense, mas raramente revelei esse fato, devido ao persistente preconceito associado ao circo.

— Verdade, Mônica; só que eu já superei esse estigma e não tenho problema em falar sobre esse assunto.

Mônica expressou seu desejo de um dia conseguir se desvincilar dessa discriminação e perguntou-me:

— Por que decidiu deixar o circo?

— Bem, Mônica, minha escolha estava relacionada ao desejo de continuar estudando, algo que era difícil de conciliar com a rotina itinerante. Por isso, optei por estabelecer raízes em Louveira.

— Sente saudades de tudo aquilo?

— Não, absolutamente. — respondi com segurança.

— Eu já não posso dizer o mesmo, pois tenho um carinho especial pela vida circense, embora também tenha tomado a difícil decisão de seguir outro caminho. Um dos motivos foi eu ter me apaixonado pelo veterinário do meu cachorrinho Lulu, e não vi outra escolha. Sem contar que minha decisão deixou meu pai, também proprietário de circo, muito triste.

Em seguida, Mônica e eu compartilhamos algumas lembranças daqueles tempos e chegamos à conclusão de que fomos felizes; contudo, ela me revelou um episódio marcante de sua infância. Observei uma expressão triste em seu semblante e perguntei:

— Quer falar sobre isso?

— Sim, acredito que me fará bem. A cada 30 dias, o circo estreava em uma nova cidade. Eu tinha 10 anos de idade quando nos estabelecemos em Pauliceia. Logo comecei a perceber que meu corpo passava por transformações, e por isso comecei a sentir-me envergonhada, principalmente quando meus seios começaram a despontar, ficando visíveis através de minhas blusinhas. Sem saber como lidar com tal novidade, estava muito incomodada.

— Bem assim...

— Para piorar, mamãe dizia para as amigas: *vejam, já está ficando mocinha, logo usará sutiã*. Por causa disso, eu me fazia de corcunda para escondê-los. Providencialmente, mamãe mandou confeccionar um bustiê especial. Era uma tira de tecido larga, com elástico na parte inferior e superior, fazendo com que eu me sentisse confortável. Por ele ficar meio afofado, escondia meus pequeninos seios. Sabia, evidentemente, que cresceriam e ficariam bonitos, mas até lá...

— Mônica, Mônica... imagino como foi difícil lidar com isso.

— Sim, foi muito difícil. Além de que tive que lidar com uma experiência bastante desagradável nessa tenra idade. Meu pai sempre contratava *shows* para a segunda parte do espetáculo. Na primeira parte, havia variedades, como: trapezistas, malabaristas, contorcionistas, acrobatas e palhaços. Era um circo familiar. Sabe como é isso, né? Só a família e alguns homens para a mão de obra pesada.

Olhei afirmativamente para ela, que prosseguiu:

— Para a segunda parte, a cada semana era apresentada uma atração diferente. Os artistas, normalmente duplas, trios, repentistas e mágicos, faziam muito sucesso e a venda de ingressos era certeira, mesmo sendo o cachê a metade da renda.

— Sei como é isso, Mônica!

— Então... meu pai contratou um cantor solo, de músicas mexicanas bem alegres e o público gostava muito de tudo aquilo. Suas indumentárias eram fantásticas! O chapéu mexicano era preto e enfeitado com sianinha dourada e vermelha; calças pretas e justas, bordadas na lateral; casaco curto, do tipo toureiro, que também era todo bordado com uma linha dourada. Ele era bastante conhecido no mundo artístico e meu pai o designava para uma grande temporada e sempre no último final de semana de cada mês. Há algum tempo fazia suas apresentações em nosso circo. Eu ia crescendo e aprendendo a gostar desse rapaz simpático, de boa conversa, alegre, que sempre chegava faltando

algumas horas para a sua apresentação, trazendo consigo alguns mimos para as crianças, mas, o meu... era sempre diferente e, até então, não imaginava o porquê.

Permaneci atenta, e ela continuou:

— Ele chegava na cidade, sempre no sábado, e fazia apresentações também no domingo. Por isso, instalava-se em um hotel da cidade e à tardinha aparecia no circo para ensaiar, trazendo consigo uma valise e, nela, a roupa a ser usada no *show*. Entregava à minha mãe que, gentilmente passava a ferro de brasa. Ao surgir paramentado para a apresentação, sua figura parecia brilhar, tão lindo ficava. Quando começava a dedilhar uma das músicas de seu repertório, meu coraçãozinho começava a pulsar mais forte. Ele cantava olhando fixamente para mim: *Que bonitos ojos tienes, debajo de esas dos cejas...* Eu me encantava com isso. Mal podia esperar o próximo mês, a próxima cidade, para que ele retornasse. Mas, inocente como eu era, jamais poderia imaginar o que estava por vir. Aquele olhar não era normal e hoje, quando fecho meus olhos, vejo o que minha alma de criança não conseguia enxergar: um olhar carregado de malícia. Atualmente, as crianças em idade igual me parecem mais espertas, concorda comigo?

— Sim, Mônica, concordo. Eu, por exemplo, brinquei de bonecas até os doze anos!

— Pois é, eu também. Mas, voltando à minha história... Estava eu sentada em um caixote de madeira, medindo cinquenta centímetros de comprimento e uns trinta de largura, virado de boca para baixo, servindo de banco, pois não tínhamos cadeiras na barraca e, em dia de espetáculo, todas elas eram levadas para dentro do circo. Juanito, assim gostava de ser chamado, após ter ensaiado e feito a distribuição dos mimos, chegou e sentou-se ao meu lado, então me arrastei um pouco para que ele também coubesse. Foi quando colocou o braço sobre meus ombros. Achei estranho, não estava acostumada com carinhos nem de meus pais. Meu corpo todo se enrijceu, então ele foi descondo sua mão bem devagar. Como eu era pequenina, sua mão

não demorou a chegar aonde ele queria. Começou a roçar meus pequeninos seios, fazendo um movimento em círculo com o dedo. Não precisou duas acariciadas para eu perceber que aquilo não era certo. Levantei-me imediatamente e saí correndo com uma sensação de repulsa.

Num silêncio solidário, deixei que Mônica continuasse:

— Meus pais gostavam muito dele, então eu não tinha certeza se, ao contar o que aconteceu, meu pai não me daria uma surra, culpando minha mãe por ter se descuidado de mim. E acreditei que, se isso realmente acontecesse, papai não o contraria mais e isso seria muito ruim para nossas finanças. Era um *show* de boa bilheteria! Foi muito difícil guardar segredo, pois desde então já não me sentia confortável com sua presença, apesar de ele não ter tentado mexer novamente comigo.

— Que situação, Mônica! — exclamei em cumplicidade.

— Nem me fale! Preferi, também, não participar mais dos seus ensaios e procurava me afastar sempre que ele se fazia presente. O sentimento de admiração que eu sentia passou a ser de desprezo. Não sei qual foi a desculpa que ele inventou, mas pouco a pouco foi diminuindo a quantidade de apresentações em nosso circo. Até que um dia, para a minha alegria, não apareceu mais. Eu continuei minha vida de criança, brincando e sendo feliz. Me esqueci completamente dele e só fui perceber que fiquei com um trauma depois de casada.

— Como assim... depois de casada?

— É que eu... eu senti uma sensação estranha quando meu esposo foi tocar no meu seio direito. Pensava: *no esquerdo tudo bem, no direito tudo fica esquisito? Por quê?* Então, buscando na memória, lembrei-me do tal Juanito. Nessa época, já era possível conseguir informações pela internet, e lá fui eu. Ao me deparar com seu rosto estampado ali na tela, um misto de sentimentos tomou conta de mim: primeiro, a lembrança do moço de olhar doce. Depois, novamente a repulsa e um sentimento de traição. Sim, ele traiu minha inocente confiança. Tudo voltou

com uma nitidez espantosa. Quando li que ele havia falecido, não tive tempo de constatar outro sentimento que não fosse o de alívio.

— Sinto muito, Mônica... — disse eu, estendendo minha mão para confortá-la — Espero que a mágoa em seu coração já tenha passado. Hoje em dia seria mais fácil fazer uma denúncia e, então, ele enfrentaria a justiça dos homens, mas certamente, ele enfrentou a justiça divina: essa não falha nunca, sabemos disso.

— Quer saber amiga, posso chamá-la assim?

— Claro, Mônica. Sempre!

— Estou me sentindo bem mais leve! Foi bom ter compartilhado essa parte da minha vida que nunca comentei com ninguém. Muito obrigada por me ouvir! Mas... vamos degustar esse chá delicioso?

— Viva! Vamos sim.

Foi quando ouvimos a voz de Marta:

— Venham, meninas, agora é a hora da segunda rodada de conversa... e todas voltaremos em paz para as nossas casas!



DONIZETE SARAIVA DEOLINDO

Cadeira nº 26
Patrono: José Rico



Poeta e compositor, é natural de Castilho – SP e reside em Louveira desde 1983.

Participou de outras coletâneas e teve alguns de seus escritos publicados em jornais.

*“...Nós devemos ser o que somos
Ter aquilo que bem merecer...”*
José Rico

No Mesmo Bonde

Eu não quero viver no luxo.
Eu quero é me sentir bem.
E pra matar minha fome,
Basta só comer um *trem*.
Saudavelmente encher a barriga,
Pra depois não sentir fadiga
E do mal-estar ficar refém.

Eu não quero viver a desesperança
De que tudo está perdido,
Haja vista que não me sinto assim.
Gozo de otimismo, não pelo desânimo abatido,
Mas, estacionado na moleza,
Dou trégua pra tristeza
Pelo desalento vencido.

Vida tranquila, cento por cento,
Acredito que ninguém deva ter.
Problemas e imprevistos
Hão de acontecer
Muitas vezes até de penca,
Confusões grandes encrencas,
Melhor encarar de frente,
Bobagem se esconder.

Mas... como assim se esconder?
Correr, fugir para onde?
Como tentarmos nos enganar
Se estamos no mesmo bonde?
Se a justiça dos homens falhar,
Perante Deus, tudo irá clarear,
Pois, dele, ninguém se esconde.

Fio de Cabelo

No arquivo há processo,
E um desvendar daquele nó.
Entupimento na tubulação,
Na armadilha do índio tem cipó.
Aproveitando o ensejo,
No mundo dos sertanejos,
Chitãozinho e Xororó.

A nossa vida tem seu lado doce,
Por outro lado, jiló.
Vida dura pra quem é mole,
Desde a época da vovó.
Uma paixão redobrada, quase um apelo,
Deparar-se com um fio de cabelo
Grudado no paletó³.

Nas festanças lá da roça,
O terreirão solta pó,
Enquanto a lua abrilha a noite,
Com as constelações ao redô.
O que tocar eles dançam,
Os esqueletos balançam,
A especialidade é forró.

A sereia romantiza o mar,
Tornando, dos banhistas, um xodó.
Não é difícil, para qualquer um de nós,
Fazer papel de bocó.
Quem não ousa pagar o que deve,
Pode até dizer “pago em breve”,
Mas isso fica só no gogó.

³ Trecho inspirado na música *Fio de Cabelo*, de Darci Rossi e José Marciano, interpretada por Chitãozinho e Xororó.

A titia dizia pro titio:
"Você me traz alho-poró"
E pro *trem* ficar mais ajeitado ainda,
Ele trazia também mocotó.
Comida com delicioso sabor,
Pitadas de carinho e amor,
Acompanhada de um goró.

Quando a chuva é pesada,
A gente diz "deu um toró!"
Somos um povo impaciente,
Nada a se comparar com Jó
Logicamente, não sou violão,
Porém em certa ocasião,
Até de mim tenho dó.

Por conta da maldade, o criminoso
Fica restrito ao xilindró,
Desmascarado pela justiça,
Numa operação dominó.
Com gestos simples e afetuoso,
Um velhinho de coração bondoso
Faz alegria da garotada, montado em um trenó.

Depende muito do gosto,
Na cabeleira, um cocó.
Craque que é craque de bola
Faz gol até de totó!
De tanto se envolver em briga,
O cãozinho da minha amiga
Acabou ficando rabicó.



Francisco Adão

Se não saísse do coração,
Não teria nem como escrever!
É com muita emoção
Que venho aqui para agradecer.
A sua presença era luz,
Propagando Maria e Jesus,
Almas a engrandecer.

Ele trazia em si
O espírito de verdade.
Nas festas religiosas,
Desprendimento, dedicação e bondade.
E pra isso nunca mediu esforços,
Na habilidade era mais que moço,
Tudo devido a sua capacidade.

Ajudar à comunidade era entretenimento,
Por ser movido pela fé.
Diante de qualquer desafio,
Sempre se manteve em pé!
Um pai presente, decidido, atento,
Voltado para os ensinamentos
De Jesus de Nazaré.

Do Ferroviário Futebol Clube,
Ele foi o fundador.
Por mais de 20 anos foi técnico,
Com conhecimento, discernimento e afeto!

Pela Escola de Samba Chiuaua, reconhecido,
Aclamado e aplaudido,
Seu Chiquinho, forte guerreiro, merecedor!

Descanse em paz, saudoso amigo.
Já está cumprida a sua missão.
Gratidão pelos ensinamentos
de fé, amor e devoção.
Um líder do bem e fervoroso,
Determinado e respeitoso,
Muitíssimo obrigado, Francisco Adão.





ELEIDE REGES

Cadeira nº 27
Patrono: Jorge Amado



Nascida em Assis, São Paulo, estabeleceu residência em Louveira a partir de 1971.

É graduada em Letras e Docência do Ensino Superior, e possui pós-graduação em Gestão Escolar. Além disso, exerceu o cargo de secretária de Cultura, Esporte e Turismo na Prefeitura de Louveira.

Como escritora, suas obras encontram-se publicadas em várias coletâneas literárias.

*“Eu sou muito otimista, muito.
O Brasil é um país com uma força enorme.
(...) nós somos um continente, com um povo extraordinário.”*
Jorge Amado

Pensamento

Toda vez que permitimos
Que a nossa mente seja invalidada
Por ideias e pensamentos,
Não devemos temer.

A nossa felicidade
Permite o crescimento
E também o desenvolvimento
Em meio às turbulências e adversidades.

Desacelerar o ritmo e a vaidade
Faz com que busquemos oportunidades,
Mudando o rumo das circunstâncias.
Em sonho de verdade,
Trazer a realidade
E lançar âncoras.
Seguir adiante...

Porque a vida não para!!!

E que possamos entoar
O cântico da esperança,
Inspirando os valores da vida,
Sonhando em silêncio,
Seguindo o gemer do vento,
Contemplando o nascer das flores.

Tendo a visão do tempo
E descobrindo uma janela na alma,
A nossa luz aflora
Onde o nosso sentimento mora.



Minha Cidade

Aqui fiquei!
Pelos verdes arvoredos
Pelas praças e jardins floridos
Foi uma escolha feliz.

Aqui a harmonia impera
Me enamora e viabiliza
A tranquilidade da vida
Com o bom ar e calmaria.

Eu canto por ti
Me alegro por ti
Que me conduz a uma lembrança
Com muita esperança.

Suspiro com admiração
Feliz com a tradição
Que preenche o meu coração
E me enamora de amor.

De uma cidade irreverente
Com corações inocentes
Minha cidade dentro da tua história.
É grande a tua vitória.

Tempo de Saudade

Depois de alguns acontecimentos,
Sempre nos deparamos
Com a realidade da vida.
A estiagem é longínqua e sacudida.

O Sol brilha, alertando
O sonhar dos nossos dias,
Quase sempre no linear das entranhas.

Ouvindo os estridentes grunhidos
Da mata selvagem,
Sem medidas, apagando
O arranjo orquestral da beleza.

Do conforto da natureza
Ao equilíbrio da vida,
O reencontro dos abraços calorosos.

A nostalgia só nos deixa as arestas.
O resto das lembranças.
E nada nos impede
De passar desfilando
Seu tempo de saudades.





ERICK ROLF

Cadeira nº 4
Patrono: Oswald de Andrade



Natural de São Paulo - SP, foi criado na primeira infância na Alemanha e reside em Louveira desde 2002.

Formado em Administração de Empresas, atua como especialista no desenvolvimento humano.

Escritor, suas temáticas são voltadas para a reflexão e o despertar. Acredita que a escrita e os textos poéticos são formas de tocar as pessoas e suas almas, com o objetivo de impactar e possibilitar diferentes perspectivas e situações.

“Tupi or not tupi, that is the question.”

Oswald de Andrade

Desconexa Conexão

Eu me vi ali, tentando me conectar.
Mensagem enviada,
Recebida,
Não ignorada.
Pensei: venci!

O objetivo inicial quase se perde.
O que mesmo vim fazer aqui?
Troca de mensagens.
Profundidade,
Intensidade,
E tudo sem maldade.

Como um elefante que não sabe o valor que tem seus dentes,
Cada troca valia mais que o marfim.
Inspiração,
Reconhecimento,
Motivação,
Desafio.

Não conheci ali o amor,
Mas, ao contrário,
Ali recordei o amor por escrever.

Mais uma mensagem,
Mais um texto,
Mais uma tonelada de sensações
A cada frase contada.

O que mesmo vim fazer aqui?
Ah, sim, me conectar!
E mesmo com desconexão na forma de me expressar,
A conexão virou poesia!

Eu acordei,
Olhei para mim,
Vi paixão pelo ser e estar.

Acordou em mim a atenção a detalhes
Que antes deixei passar.

Me conectei para convidar e o universo a mim fez um convite:
Olhar para dentro,
Mergulhar.
Não, não me afoguei, parece que agora
Consigo respirar.

E essa troca
Parece uma respiração presa
Em querer continuar livre
Para poder se expressar.

Respiração que ventila, feito vento no rosto.
A profundidade beija minha face,
A intensidade toca meu ser,
Minhas pupilas dilatam,
Agora consigo ver.

Cada deslizar dos olhos nas palavras
É como o deslizar dos dedos pelas curvas de uma musa.
Arrepiei-me.
Prazer em ler, prazer em escrever.

Ah, que troca, quanta imaginação nova!
Que elo para se conectar!
Um elo encontrado entre as linhas,
Uma conexão entrelinhas,
Expansão,
Possibilidade,
Criação.

E agora, a única desconexão
É da minha versão
Que não escrevia mais.

Ali, não morri, mas renasci.



O Tempo Não Existe

Coisas do passado recente, eu não lembro
Coisas do passado distante retornam à mente
A forma que a gente sente passa por cada membro
E esse instante quero viver intensamente

A atenção me preenche, o toque aquece
A afeição aumenta, o desejo é inegável
A memória enche, do olhar não se esquece
A mente atenta planeja o inadiável

Muito rápido, pouco devagar
Tanto, que a poesia não foi finalizada
Tinha me esquecido como era divagar
E não lembrar para quem era a poesia
Se torna uma piada

O tempo não existe
Senão em nossa mente
Meses se passam. Triste...
Contudo, o texto finalizo contente

A estrutura mudou, eu também mudei
Não me recordo de quem fui quando comecei

Busco encontrar quem eu sou
No tempo que não existe, do agora
Como um novo ciclo que recomeçou
Estou olhando de dentro para fora
Palavras eternas
Sentimentos passageiros
Sombras na caverna
Falsos conselheiros

Luzes de lanterna
Nada certeiro
Meu sentimento hiberna
Como num urso escudeiro

Mas o tempo não existe
O agora já é passado
Pode parecer pesado
Mas você, ao tempo, resiste



Perfeição Ilusória

Um dia perfeito é perfeitamente abalável
Qualquer oscilação distorce a ilusão
Nossa expectativa no perfeito é abominável
É ela que leva à frustração

Nossa, que dia! Dia perfeito!
Céu azul, imensidão
O que de diferente poderia ter feito
Para manter essa sensação?

Algumas trocas de palavras e tudo desfeito
Quanta frustração
À noite quando me deito,
O dia perfeito parece em vão

Satisfação iludida
Frágil como uma criança
Estabilidade fingida
Pro próximo dia, esperança

Durmo, acordo
Mente querida
Mente ferida
Não discordo

Mas a esperança lança
Uma luz que abriga
A certeza de que o dia perfeito
É a minha mente que fabrica



GERSON DOMINGOS DE OLIVEIRA

Cadeira nº 38
Patrono: Gonçalves Dias



Paulistano, reside em Louveira desde 1995.

Desenvolveu e coordenou um projeto, exercendo a função de treinador voluntário de futebol para garotos, no bairro Monterrey.

Escritor e poeta, teve participação em outras antologias.

*“Não chores, que a vida
É luta renhida:
Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos
Só pode exaltar.”
Gonçalves Dias*

Beijo Encantado

Quando nos encontramos pela manhã,
sentimos o aroma da flor de maçã.
Nos abraçamos, nos beijamos, e eu acaricio seu rosto delicado;
ele parece uma pétala de rosa cheirosa.

Seu beijo me aquece, meu corpo adormece.
Coração desfalece.
Seus lábios têm um encantamento, e fecho os meus olhos.
Minha alma, com calma, deixa o meu ser.
Começo a voar e a te amar, cheio de felicidade e alegria.

Viajo com um anjo, vou até o horizonte e passo pelo monte.
Volto voando, te bem-querendo.
Vejo você vestida de azul turquesa, parecendo uma princesa.

Te amo tanto, minha querida!
Seu perfume é fragrância da flor do campo;
Flor encantada que alegra todos os dias da minha vida.



Casebre

Moro num casebre, mas alegre,
Bem no começo da serra, terra boa de plantar.
O galo canta, meus irmãos se levantam.
Minha mãe já está de pé, preparando o café.

Ela se empenha, prepara massa do pão caseiro
E do bolo de fubá que leva a assar no forno à lenha.
Meu pai está tirando leite da vaquinha mimosa,
Enchendo o caldeirão de ferro.

Leva o leite para ferver no fogão à lenha.
O boi mimoso dá um berro!
Tudo pronto, minha mãe arruma a mesa.
Que fartura! Bem ao lado, a cesta de verdura.

Meus irmãos lavam o rosto e escovam os dentes com gosto.
Eles se sentam na cadeira; lá fora, pé de amoreira.
Os passarinhos e os filhotes começam a cantar.
Meu pai começa a oração: agradece a Deus pelo café da manhã.

Terminamos de tomar café e comer pão caseiro e bolo de fubá.
Estamos de férias da escola. Pegamos a sacola,
Vamos fazer compra no empório do seu Honório.
Saímos, sentindo aroma da flor de hortelã.

Meu pai é guarda florestal: ele, ao fazer a ronda,
Protege as verdes matas, rios e cascata.
Depois de muito caminhar, volta para casa cansado.
Minha mãe prepara o almoço com gosto.

Tudo pronto, mesa recheada, uma beleza!
Com minha irmã Rosa, cheia de prosa, começamos a almoçar.
Terminando, agradeço a Deus por essa maravilhosa benção.
Daí, damos um descanso na cadeira de balanço.

Depois, vamos apanhar água na bica; que coisa rica!
Pegamos a mulinha no pasto, seu nome é Faísca.
Colocamos arreio nela e o barril – ela não pisca.
Vamos ao grotão, lá enchendo o barril e o cantil.

Na volta para a casa, no mato, a passarada a cantar.
Os bugios começam a roncar,
Pedindo chuva e frio.
Hora do café da tarde, com pão caseiro e bolo de brigadeiro.

A certeza que se tem é que a noite chegará.
Minha irmã Marina é quem acende a lamparina.
Vamos jantar, que beleza, a mesa parece realeza!
Saímos para ver o luar da lua clarear.

As estrelas, com suas luzes brilhantes...
Os pirilampos voam no campo, em cor cintilante.
A coruja começa a cantar em cima do casebre.
O urutau, pássaro fantasma, dá seu grito, e chega a assustar.

Mina família, alegre a sorrir,
Após se refrescar, entra para dormir.



O Rico e o Pobre

O rico tem palacete.

O pobre é tão sofrido, nem tem abrigo.

Se reclama pelos direitos, a polícia vem e desce o cassetete.

O almoço do rico é caviar e salmão.

Já o pobre, toma sopa de doação.

O rico, quando quer comer peixe, vai ao mercado e procura.

O pobre pega na vara e sai pela noite, às escuras.

Enquanto, o rico tem mansão,

O pobre não tem acomodação.

Enquanto o rico passeia de carrão.

O pobre nem tem direito à diversão.

O rico quando fica doente é socorrido exatamente na hora.

O pobre, quando levado ao hospital, muitas vezes morre no local.

Quando chega o Natal, a ceia do rico é cheia de fartura.

A do pobre é só amargura.

O rico, quando chega em um lugar, é bem recebido e cortejado.

O pobre, além do preconceito, é rejeitado.

No final, o pobre trabalha para o rico.

E o deixa ainda mais rico.

O rico explora o pobre, até a sua morte.

Quando os dois morrem, seja rico ou pobre,

Não há quem se sacode do pó para retornar.

Da certeza que se tem, goza o pobre com caráter.



GIL LEONARDI

Cadeira nº2

Patrono: Machado de Assis



Psicanalista e Terapeuta Homeopata, formou-se pela Universidade de São Paulo em 1986, com atuação em sua área desde então.

Autor dos livros *Os Novos Caminhos das Terapias no Brasil*; *Homeopatia e as Doenças da Alma*; e *Psicanálise, Um Caminho Para Seu Estudo*; publicou artigos técnicos em revistas especializadas.

Teve participação em coletâneas literárias, com crônicas, contos e poesias, além de publicações em jornais e revistas.

Vindo de São Paulo, escolheu Louveira como sua cidade em 2008, fazendo dessa experiência o seu porto seguro para, através do viés artístico, dar voz e forma ao invisível que habita o inconsciente.

“Esquecer é uma necessidade. A vida é uma lousa, em que o destino, para escrever um novo caso, precisa apagar o caso escrito.”

Machado de Assis

Canção de Ninar

(Pour le petit Raphaël)

Tem gente que nasce,
Tem gente que morre.
Tem gente que fala,
Tem gente que ouve.

Tem gente que dança,
Tem gente que para.
Tem gente que encanta,
Tem gente que abala.
Tem gente lá fora,
Tem gente na sala.

Tem gente que ensina,
Tem gente que aprende.
Tem gente que apaga,
Tem gente que acende.
Tem gente que é gente,
Tem gente que é chata.

Tem gente que briga,
Tem gente que aparta.
Tem gente que ri, chora,
Pensa, imita golfinhos,
Dá mil e uma piruetas.

Tem gente que brinca,
Que conta piadas,
Fazendo estrelas
Em noites nubladas.

Tem gente pequena,
Tem gente crescida,
Tem gente fininha,
Tem gente roliça.

Tem gente no mundo
Onde há diferenças.
Tem gente no mundo
Onde há semelhanças.

Somos nós
Tanta gente
Eu, você, ela e ele.
Gente que vive.
Gente que é viva
E eu, gente-vivo,
De encanto
Ainda me espanto
A cada momento.

Sou gente de colo,
De braços abertos,
Indo no embalo
Ninar toda a gente
Com um canto leve,
Sonoro e quente:

♪"Dorme suave,
Que gente
É pra sonhar.
Seja como for,
Em seu despertar..." ♪

Ode à ALLA

Onde há **ALLA**
Onde é a **ALLA**

Há lá
A ALLA
De nova
Casa
Alada
Olhada
Irada

Há lá
A ALLA
De novo
Ano
De novo
Livro
De novo
Empenho

Há lá
A ALLA
De
Resposta
De
Respeito

Há lá
A ALLA
Dentro
Do
Peito



Mas o que é
Não sei
Mas o que faz
Não sei
Mas o que tem
Não sei

Só sei
Que
Onde há ALLA
Há labor
Há sabor
Há saber
E mais:
Há amor

Ah, ALLA

E a ode?
Dirá a *lady*
Não pode
Dirá o *lord*
Não é ode
Indaga a *troupe*
Onde fica?
Rua José Niero, 30



GIOVANNI CUNHA

Cadeira nº 24

Patrono: Elyzeu Queiroz de Souza



Nascido em 1992, no município de Jundiaí-SP, sempre morou em Louveira.

É formado em Odontologia pela Faculdade de Odontologia de Araraquara - UNESP, onde também fez mestrado e doutorado em Ciências Odontológicas - Cirurgia e Traumatologia Bucomaxilofacial, entre outras especializações em sua área, nas mais renomadas universidades brasileiras. Atualmente está cursando o pós-doutorado. Cirurgião chefe da GC Odontologia.

Na Suíça, o doutorado (CAPESPrint) em Impressão 3D, *Design* e Manufatura Aditiva - Clínica de Radiologia, Cirurgia Bucomaxilofacial, pela Universitätsspital Basel e Universität Basel.

Research fellow pelo grupo Swiss MAM da Universität Basel e Laboratório de Impressão 3D, no setor de Radiologia e Medicina Nuclear do Universitätsspital Basel.

Com sua experiência em revisão e escrita científica, atualmente é revisor do periódico internacional *Annals of Maxillofacial Surgery*.

É admirador de obras literárias de cunho sacro, especialmente a história da Igreja Apostólica. Amante da Literatura Brasileira, com destaque para as obras de Machado de Assis.

Possui conhecimento em Língua Portuguesa, Inglesa, Espanhola e Alemã.

“A Igreja de hoje é melhor que a de ontem.”

Elyzeu Queiroz de Souza

Recomeço - Parte II - Os que Ficaram para Trás

O inverno prometera ser rigoroso. Os primeiros flocos de neve, que caiam lentamente, começavam a recobrir os telhados da cidade. As horas avançavam e o acinzentado do céu anunciava o entardecer. O termômetro em frente a barbearia da rua principal marcava não mais do que cinco graus negativos. Seria uma noite fria. Os jornaleiros que estavam ao redor da estação começavam a recolher seus pertences. O vento assoprava em direção ao sul – impetuoso – enquanto alguns cadernos se desprendiam da pilha de jornais. *Inverno sombrio à frente: última rodada de negociações termina sem acordo* – dizia em letras garrafais a página que se prendera a um dos pilares rústicos da estação; o conflito belicoso parecia ser iminente.

A cada instante, a neve repousava sobre pavimento. O vento a acompanhava. Abruptamente, o recorte do jornal se desprendeu da coluna se perdendo no horizonte. Em frente a essa cena, estava a entrada principal da estação – que ainda preservava alguma arquitetura do século passado. Bilheterias, plataformas e o grande hall de espera conservavam os tempos áureos daquele ambiente e registrava a assinatura de seus construtores. Ao lado direito, em direção às plataformas, o grande relógio alinhava seus ponteiros para marcar o início da noite. No painel de chegadas e partidas, quase que instantaneamente as informações eram atualizadas. Os funcionários da ferrovia se esforçavam para alimentar as várias fileiras do grande letreiro com os horários e destinos previstos dos próximos trens – aguardados com apreensão e ansiedade pelos passageiros que ali se encontravam.

A pontualidade não fazia parte da ordem do dia – na realidade os atrasos eram comuns na ferrovia local –, o que tornava o futuro ainda mais imprevisível por ali.

As companhias que ainda possuíam algumas locomotivas na cidade de Varsóvia estavam a partir tão breve fosse possível e não haveria viagem de volta – ao menos não nos próximos anos. Em meio aos trens, havia um em especial. Vagões

antigos, porém, com detalhes preservados, desde a costura manual das poltronas aos grandes espelhos nos *toilettes*. No letreiro, na parte superior da locomotiva, o destino — Basileia — estava estampado em língua alemã e francesa, além do idioma local.

O primeiro oficial verificava alguns detalhes entre os vagões. O trem partiria nos instantes seguintes. O foguista se certificava de que haveria madeira suficiente para a longa jornada em direção ao oeste. O apito insistia em soar juntamente com as ordens do comandante. A hora da partida e momento de encerrar o embarque eram chegados. Não haveria mais tempo — tempo esse que parecia haver cessado não somente para aquele trem, mas para a concórdia entre os povos do leste.

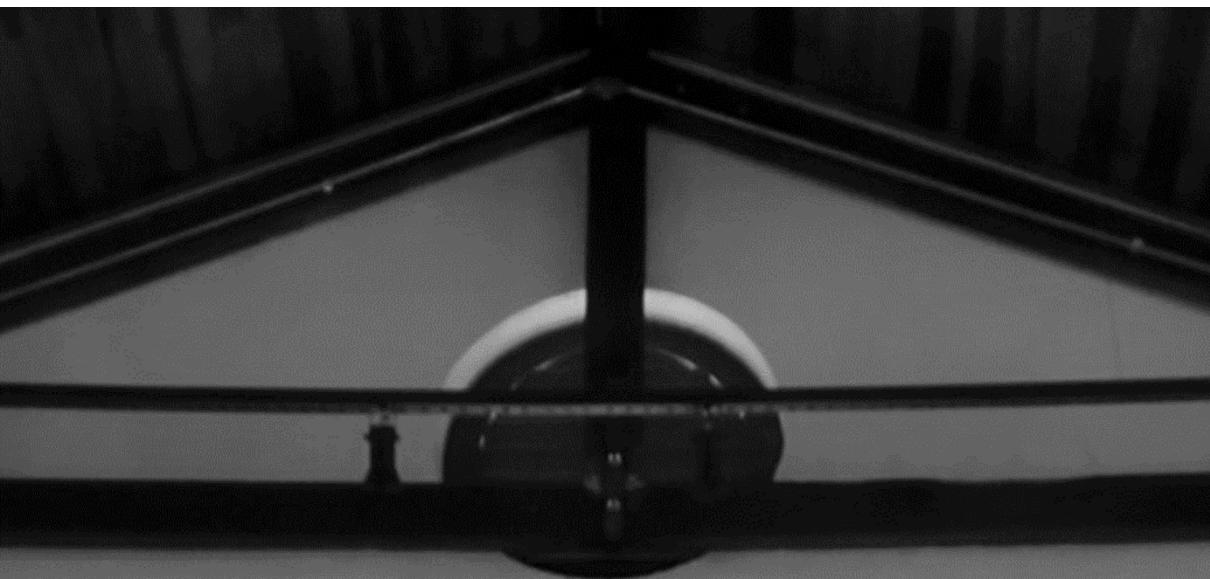
Os últimos passageiros se acomodavam nos espaços remanescentes, não havia distinção entre classes. Títulos de nobreza, posições sociais e dinheiro não tinham mais o mesmo valor naquele lugar. As ordens eram claras para que se priorizassem mulheres, crianças e idosos. Cavalheiros em idade militar ficariam para trás.

O comandante fez um aceno ao oficial para que as portas fossem fechadas. Por alguns instantes, o vapor emanava — mesmo que discreto — por debaixo das composições. Tão logo a locomotiva começou a se mover em compasso pelos trilhos que lhe eram designados, o ritmo do funcionamento das engrenagens aumentava. As juras de amor mais sinceras, os abraços demorados, apertos de mãos e cumprimentos corteses deram lugar um som que combinava lamentos, choros e soluções que se intensificavam e se alastravam pelo ambiente. Alguns, talvez, de alívio pelo escape — outros, com tristeza, deixavam parte de si naquela cidade.

Um jovem rapaz, que acompanhava o movimento do lado de fora do vagão, aumentava o ritmo da corrida ao longo da extensão da plataforma, enquanto sua amada, com os olhos ma-rejados, lhe acenava com um pequeno lenço através do vidro. Não sabia se a veria novamente. A obrigação militar lhe era imputada. Antes do trem se distanciar completamente da

plataforma e se perder no horizonte, o rapaz abriu uma caixinha, como num gesto de propor um noivado — haveria um amanhã? As perguntas sobrepujavam as respostas naquele momento. A moça dentro da cabine acenou positivamente enquanto o trem mergulhava na penumbra na noite. A separação naquele momento era inevitável. O autor do jornal daquele fria quinta-feira parecia ter razão quanto a obscuridade do futuro daqueles que foram deixados para trás.⁴

⁴ Nota do autor: Essa história iniciou-se na *Coletânea VIII* e continuará na *Coletânea X*.





IRIS DE OLIVEIRA VERZARO

Cadeira nº 3
Patrono: Casimiro de Abreu



Nascida em São Paulo, capital, reside em Louveira desde 2016.

Começou a escrever poemas na adolescência e seu amor pelos livros aumentou quando passou a trabalhar em livrarias.

Graduada em Pedagogia, tem formação complementar em Artes Visuais, e, atualmente, cursa pós-graduação em Literatura Infantil.

Participou das antologias poéticas *Retratos de Mãe*, em 2003, pelo site www.clubeletras.net (desativado); *Antologia de Poetas Brasileiros Contemporâneos*, em 2010 e 2013.

Teve seu poema - *Mãe Maria* - publicado na revista Ponto de Encontro, em 2012.

Em 2022, publicou o livro infantil *O Sonho da Borboletinha*, pela Editora Clube da Cultura.

Aprecia diversos estilos literários e, preferencialmente, a literatura periférica, por abrir espaço de expressão para que a periferia também tenha vez e voz!

*“De noite, alta noite, quando eu já dormia
Sonhando esses sonhos dos anjos dos céus,
Quem é que meus lábios dormentes roçava,
Qual anjo da guarda, qual sopro de Deus?*

- Minha Mãe! -”

Casimiro de Abreu

Cai Chuva. É Madrugada na Estação de Louveira

A estação está vazia,
invadida pelo silêncio.
É madrugada,
hora em que a cidade dorme.

A chuva lava as ruas,
mas as lágrimas
enxugam a alma
de toda tristeza e mágoa.

A Sede está escura,
os livros adormecidos
esperando por leitores
que já foram esquecidos.

A penumbra toma conta
de cada canto de Louveira,
trazendo à tona a nostalgia
e o lamento do tempo, na terra da videira.

As grandes portas de madeira,
os trilhos, os ladrilhos e a imponência da estação
testemunharam muitas histórias
que ficaram marcadas na memória.

Mas a noite é só silêncio.
A chuva e a madrugada,
a estação vazia e gelada
aquecem o coração da cidade!

Solitude

Silêncio! — não ouço ninguém.
Silêncio! — ouço o nada.
Esse alguém não vem;
Chora a face abandonada.

O fardo da solidão
Pesa nas pálpebras cansadas.
Na alma há escuridão;
Lágrimas rolam desconsoladas.

No teu lacrimoso olhar
Não há mais brilho.
E por que irás sonhar,
Se deste solo não és filho?

Do que adianta viver numa terra
De onde não tens o que comer.
A solidão te soterra.
Como irás sobreviver?

Tristes noites vazias.
Como lacunas na alma.
Nesses intermináveis dias.
Vive entorpecido pela calma.

Umbral

Caminho pela trilha sombria.
No meu rosto, sinto a brisa fria.
Ando pelo caminho soturno;
Olho para o céu, contemplo o noturno.

Ouço gritos de lamentação.
Vultos me perseguem na escuridão.
Sinto uma lágrima quente
Descer da minha face clemente.

Encolho-me num canto, na noite fria;
Sinto-me como uma estrela vazia.
Grito para o céu minha agonia,
Vejo-o sorrir para mim, com ironia.





JOÃO BATISTA

Cadeira nº 22
Patrona: Clarice Lispector



Brasileiro, é pedagogo e colunista no jornal Folha Notícias.

É autor do termo "Louveirando".

"Liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome."
Clarice Lispector

Marmita de Mãe

Idos os anos, passado o tempo.
Me recordo agora, quase com cheiro,
da marmita feita por mãe.

Falo da minha que,
num amarro de pano de prato,
colhido bem alvo e secado ao vento,
cingia e aquecia a marmita
em dois laços bem-feitos,
atados em dois nós, num gesto perfeito.

Em meu coração, neste amarro de mãe,
em toda estação,
em cada colheita da roça plantada,
em cada enxadada da roça carpida,
em cada suor, em gotas escorridas,
houve, em mim, um agradecimento sincero.

Um esmero — aprendido com a mãe —
de quem sabe o que é ser, entre tantos,
o seu filho querido.



Beleza Honesta

Essa, hoje senhora, era a moça de outrora, que desde sempre foi bela, e trabalha na roça nos dias atuais. A primeira vez que a vi foi numa festa na casa de amigos, e me encantei por ela, pelo seu jeito de ir e vir, num natural jeito de gente que sabe onde está.

Ela, que vejo de vez em quando, nunca me saiu do pensamento. Respeitosos pensamentos, pois sendo ela uma senhora casada, mãe de lindas filhas, com um marido dedicado — que é meu amigo, assim como as filhas —, só me traz alegria e encantamento.

Seu sorriso e seu vestido florido se misturam ao agradável jeito de ser e de viver, como se tudo se resumisse em ser feliz, numa felicidade de todas as cores.

Como é bom ter pessoas assim ao nosso redor! Aquelas que sempre acrescentam coisas positivas quando nos encontram, quando apertam a nossa mão e nos beijam o rosto com a naturalidade de quem é bom.

Depois dos cumprimentos, ela se ajeita por entre as várias turmas, seja numa festa — que é o caso que descrevo —, ou numa reunião para se tomar um café, um sorvete, ou mesmo numa parreira de uvas tão bem cuidadas, por ela colhidas, já maduras.

A beleza e fragrância das uvas se entrelaçam com as daquela senhora, cujo perfume - ainda presente desde a manhãzinha, quando lavou as mãos para a labuta diária - faz um intercâmbio sincero. De chapéu de palha e vestes mais longas, por causa do sol, se impõe ainda mais bela, pelo mistério que insiste em lhe acompanhar, por onde quer que caminhe. Sim, há mistério em toda beleza, e honestidade em algumas belezas, pois se assim não fosse, certas belezas não se eternariam, como a dela, que tenho certeza, se eternizará.

Mas, voltando aquele fim de semana, onde era ela a mais bela, penso cá comigo em quão privilegiado sou por ter, ao meu redor, uma senhora de si, de mim e de todos. Claro que há beleza onde meus olhos procurarem, na verdade em quase todo lugar, mas aqui, a minha intenção não é desmerecer as outras pessoas, as outras belas pessoas com as quais convivo, mas sim exaltar uma beleza, entre as muitas belezas. Todos nós, em algum momento, acredito que já tenhamos passado, presenciado algo assim: uma beleza honesta.

Minha Esquina

João Pagotto, João Verardo e João Batista. Quanto João numa mesma esquina! Desses, dois são nomes de rua e um outro ainda não, o meu, João Batista.

Hoje, quase cinquenta anos passados a minha esquina, ainda está bem ali, na esquina, onde sempre esteve e onde tanta gente passou, onde muita gente se sentou, e comigo — amigo ou não — conversou, chorou e sorriu também. Tudo era motivo, era vida fluindo. Hoje, é gente passando, e pasmo relembrô: houve gente que até vomitou, depois de um baile, depois de uns goles a mais.

Por ali, me recordo, passaram Diacuís, Márcias, Danielas, Marisas; Josés, Serginhos, Fernandos, e os roncos dos carros, e a luz dos cigarros, a fumaça de frio, o suor do calor, tudo quanto era som ou odor.

Dali se viu e ouviu, ao longe ou bem próximo, os gritos e aplausos, Corinthians, Palmeiras, Santos e São Paulo, e até desfile cívico, confundindo-se com *agora quem dá bola é o Santos, né, Marcelo do Metanol?*

Ali eu me sento raras vezes nos dias atuais, mas no passado, distante ou não, ali me sentei à noite quase inteira, à espera da feira, da missa, do gás, ou até de um amor. Tudo era motivo de registro, e, entre muitas fotos tiradas, a que mais marcou foi de um certo Zé, um amigo querido, de apelido “Carvão” que, assim como eu, viu muitas mudanças: de rua de terra para rua de paralelepípedo, e agora de asfalto.

Essas ruas citadas existem e insistem aqui no Bairro do Quebra, que é nosso, e que também é chamado de Bairro Santo Antônio, aqui na cidade de Louveira/SP, onde eu sigo louveirando.

Nesta esquina eu me sinto tão à vontade, que sempre a chamei de “minha esquina”.



JÚLIA FERNANDES HEIMANN

Cadeira nº 15
Patrono: Synésio Ascêncio



Natural do Rio de Janeiro, é escritora e poetisa.

Membro da Academia Jundiaiense de Letras; vice-presidente da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí; vice-presidente do Grêmio Cultural Prof. Pedro Fávaro; membro da Academia Louveirense de Letras e Artes; vice-presidente da Câmara Setorial de Literatura.

Autora de onze livros, participou de mais de cinquenta antologias.

Foi designada como delegada da UBT (União Brasileira de Trovadores) em Jundiaí, um título conferido em reconhecimento aos diversos prêmios que conquistou por suas trovas. Em 2008, recebeu o título de "Cidadã Jundiaiense".

Escreve quinzenalmente no jornal Jundiaí Agora.

*"Tarumeiro - tarumã... crescendo para o alto,
leva em cada ponta, pontas de amor de cunha."*

Synésio Ascêncio

Serão Conhecidas as Origens?

Há gestos que fazemos, vemos e entendemos, porque não precisamos do som da fala para nos comunicarmos; de alguns, no entanto, não conhecemos as origens. Vou escrever sobre os mais usados, dos quais, talvez, já tenham conhecimento. Muitos são feitos com os dedos. Vamos começar com este:

Unindo-se o polegar com o indicador, estamos informando que está tudo bem, tudo "ok". Esse gesto positivo remonta à época da Guerra de Secessão, ocorrida nos Estados Unidos, de 1861 a 1865; chamada Guerra Civil, entre os estados do Norte, que já estavam industrializados, contra os estados do Sul, ainda escravocratas e latifundiários. Nessa guerra houve a morte de 620 mil soldados, número considerável para a época.

Conta-se que os soldados, ao retornarem das batalhas, informavam quantos colegas tinham sido mortos. Notificavam: 120 *killed* (120 mortos); 135 *killed* (135 mortos), e assim por diante. Quando não havia perdas humanas, escreviam 0K (zero *killed*) e, com alegria, mostravam o zero, unindo os dois dedos. Daí o significado do *OK* e do gesto. Há outras versões, mas esta é a mais difundida.

Esse gesto também é usado na meditação, quando se une só a ponta do indicador com a ponta do polegar, sem levantar os demais. É usado nas práticas para controle da mente, da atenção e da ansiedade. Dizem os entendidos que ele nos conecta ao Universo.

A união das pontas do dedo indicador e do polegar é usado, também, como um gesto obsceno, não sei onde teve início esse uso e nem encontrei informação.

Outro gesto, muito conhecido, usado atualmente como provocação, é erguer o dedo médio da mão. Poucos têm conhecimento que é oriundo do primeiro confronto da Guerra dos Cem Anos, que durou 116 anos, entre a França e a Inglaterra. Chamou-se batalha de Crécy, local ao norte da França. Felipe VI

ordenou aos seus soldados que cortassem o dedo médio da mão de todos os ingleses capturados. O objetivo era amputá-los para que não pudessem usar o arco (arma da época) e disparar flechas, ou empunhar com segurança uma espada. Após a vitória, como provocação, os ingleses mostravam aos franceses o dedo médio erguido, sinalizando que estavam intactos.

Continuando com o assunto dedos, já escrevi sobre o Papa Sisto VI, que tinha seis dedos na mão direita e foi considerado um papa excepcional. Em seu papado, investiu na modernização e ampliou a Biblioteca de Roma, construiu vários aquedutos e outros benefícios. Mandou construir e decorar a Capela Sistina, que tem esse nome em sua homenagem. Até seu inimigo figadal, o jornalista antipapal Stefano Infessura, curvou-se ao seu valor. Dizem que a polidatilia é própria de quem tem dons especiais! Muitos pais têm a opção de fazer cirurgia nos filhos, eliminando o sexto dedo das mãos ou dos pés, atribuindo à deformidade, puro engano!

Quantas vezes usamos o gesto que chamamos de “figa” sem nenhum constrangimento, apenas como brincadeira?! Ele é feito com a mão fechada e a falange do dedo polegar introduzida entre o indicador e o médio. É um amuleto de origem italiana que se chama “*Mano Fico*”. *Mano* significa mão e *Fico*, vagina ou clitóris. Quem diria que esse gesto tem conotação erótica em algumas culturas?! A “figa” pode ser usada, também, como amuleto para afastar o mau-olhado e o azar, sendo apenas crença popular, penso que é com essa intenção que a usamos.

No Império Romano, o dedo polegar tinha importância vital. Hoje, virado para cima significa “joia”, no sentido de tudo bem e, para baixo, que as coisas estão difíceis. Na época dos imperadores romanos, tal gesto decidia sobre o destino dos condenados e gladiadores postos nas arenas. Se o imperador levantasse o indicador, tudo bem, o prisioneiro continuava com vida; se, ao contrário, virasse o polegar para baixo, era sinal de morte.

A língua brasileira de sinais (Libras), é usada na comunicação com deficientes auditivos. Consiste no uso dos dedos das

mãos para a soletração das palavras. Embora antiga, atualmente está sendo bem difundida, permitindo aos portadores de deficiência auditiva o entendimento do diálogo e demais comunicações.

Erguendo-se o indicador e o dedo médio faz-se um “V”, que significa vitória.

Esfregar a ponta do indicador com a ponta do polegar indica que estamos falando de dinheiro e valor, quanto custa etc.

O dedo médio em cima do indicador é para atrair sorte. Há quem dê conotação obscena ao gesto.

Esticar o indicador sugere “o primeiro”, ou apenas o número um!

Ainda há outros gestos significativos, quando não precisamos do som da fala para nos comunicarmos.

Eu quis apenas registrar a importância de alguns e suas origens, talvez os mais conhecidos.





LARISSA SCOMPARIM

Cadeira nº 11
Patrono: Vinicius de Moraes



Nasceu em Campinas, mas escolheu Louveira para morar, desde 2017. Atuou na ALLA como diretora cultural e, atualmente, é conselheira consultiva da Academia.

Neuropsicopedagoga, é pós-graduada na arte milenar de contar histórias e possui formação complementar em Sociologia e Artes Visuais.

Desde 2002 atua na área da educação, com vivências em variadas faixas etárias.

Teve projetos aprovados no ProAc e reconhecimento através de premiações nos concursos *Ler um Livro para Ler o Mundo* e *Movimentos das Cidades*.

Depois de diversos textos publicados e ser criadora do canal *INFINITO JÁ!*, realizou um sonho: *Pandemia pra cá, pandemia prá lá*, seu livro infantil, pela Editora Becalete .

“...que seja infinito enquanto dure.”
Vinicio de Moraes

Lembrança do “Mata-piolho” da Vó Janda

Tive a honra de colecionar tantas memórias afetivas, como o chuchu refogado mais temperado do mundo ou a cantiga “esquindô, esquindô, todo mundo pelado só eu que não tô”.

Porém, a lembrança mais significativa que tenho de minha avó “Janda” – Jandira, por descendência indígena – é do aconchego do “mata-piolho”. A parlenda das mãos, muitos já conhecem porque é tradicional do repertório cancioneiro brasileiro, mas minha vó dava um toque especial ao estalar as unhas próximo ao couro cabeludo das crianças para passar a impressão de ter exterminado a tal espécie de bicho que anda com os pés na cabeça.

O som era mágico e lúdico ao despertar a curiosidade e o imaginário. Colado aos ouvidos, sem podermos ver do que se tratava, fazia assim uma ligação direta aos braços do Morfeu.

Dificilmente alguma criança resiste, e posso garantir que fica gravado na mente a sensação desse momento tão fascinante.

E assim eu continuo transmitindo esse elo de carinho para os pequenos que se aconchegam em meu colo; o ritual permanece de geração a geração e, minha vó, eternizada no coração.

Sem ele, o que Dizer?

100 anos do Paulo Freire.
Muitos motivos para comemorar.
Sem o Paulo Freire.
Como a Educação haveria de estar?

Falo com muita emoção.
Sou educadora por vocação.
Minha trajetória foi de luta.
Desde o começo ao reconhecimento.
Pois no país que em que todos que ensinam,
possuem diferentes nomes, formações e rendimentos.

A sociedade nega a assumir,
mas quem trabalha na mais tenra infância,
pouco reconhecimento tende a vir.
Nem o nome da profissão as famílias saber dizer,
preferem chamar de tia, para um familiar parecer.

Mesmo com tamanha desvalorização,
segui meu coração e comecei a educar.
No começo não tinha diplomação
e meu cargo era de monitorar mesmo atuando na educação.
Iniciei o processo de luta. Para isso muita dedicação,
fui à faculdade para estudar, tendo Paulo Freire como motivação.

Aprendi a questionar. Ora, por que tia há de me chamar?
Hoje, tenho certificado e num concurso fui passar,
Dessa vez para dar aulas aos jovens. E, para minha surpresa,
de Dona passaram a me chamar!

Paulo Freire já dizia, tá na hora de valorizar,
“professora, sim; tia, não”; precisamos reconhecer nossa profissão.

Do “tia” ao “dona”, foi possível perceber: a essência humana é uma só, devemos a todas as idades proteger.

Colocar o aluno no centro do processo, ensiná-lo a pensar e a se defender.

Com a Pedagogia da Autonomia, o oprimido irá vencer.
Na prática libertadora, comemorar 100 anos de Paulo Freire é re-viver.



Eu Sou Criança...

EU SOU CRIANÇA...
NÃO IMPORTA O LUGAR ONDE EU NASÇA.

EU SOU CRIANÇA...
NÃO IMPORTA A CRENÇA QUE EU SIGA.

EU SOU CRIANÇA...
NÃO IMPORTA A ROUPA QUE EU VISTA.

EU SOU CRIANÇA...
PRECISO DE AFETO E SEGURANÇA.

EU SOU CRIANÇA...
E VOU BRINCAR, DESCOBRIR E ME ENCANTAR.

EU SOU CRIANÇA...
E NÃO IMPORTA A COR DOS MEUS OLHOS.
VEREI A BELEZA DA VIDA.

EU SOU CRIANÇA...
E DEIXO AQUI A MINHA ESPERANÇA
DE QUE TODAS AS CRIANÇAS
TENHAM DIREITO A ESSAS VIVÊNCIAS.⁵

⁵ Em caixa alta (letra bastão) – poema infantil



LOURIVAL DE BARROS SANTOS

Cadeira nº 31
Patrono: Rubem Alves



Natural de Recife-PE, reside em Louveira desde 1987.

Trabalhou por 18 anos na Biblioteca Pública Municipal Monteiro Lobato e atualmente trabalha na parte administrativa da Secretaria de Cultura e Eventos de Louveira.

Amante das artes, tem seu olhar voltado para ampliar o cenário cultural da cidade.

Alguns de seus poemas estão publicados nas coletâneas da ALLA.

*“Só veem as belezas do mundo,
aqueles que têm belezas dentro de si.”*

Rubem Alves

Potássio, suas Marcas Raqueadas são Penetran-tes

Às vezes nego-me a tomar banho por ainda ter restado
Um rastro do seu perfume nas minhas roupas, o
Suficiente para me embriagar, lembro que comprei
a camisa rosa para o nosso primeiro encontro, algo que
nunca aconteceu

Tu vens perturbar a minha razão, tira-me o sossego,
arranca-me da solidão, que a largos custos foi
conquistada, colocando-me na contramão, quero
perder as estribelhas, rastejar por sua atenção, navego a
passos largos por um canto de olho de teu sorriso



Gélido Olhar

Teu olhar gélido me transpassa a alma.

Inconsciente, naufrago em tormentas nunca antes navegadas.

Busco um traço de teu sorriso, hoje apagado pela dor de uma ausência.

Fortes rumores rompem um amanhecer intragável de caos e vida.

Pego-me juntando pedaços de coisas, objetos inanimados, sofro por ânsia.

Algo que estava perdido em um vendaval de memórias, outrora ignoradas e por vezes amaldiçoadas, a sensação de juntar lixos que se tornaram referências.

É a minha memória tentando encontrar caminhos pra que eu não perca fragmentos de um coração atormentado.

Odores

As nuances dos odores fragmentam as duas facetas da realidade,
sedimentando em camadas a singularidade dos versos,
deixando extrair os cheiros mais significativos das substâncias,
sentindo o elixir da perfumação tragar as forças mais ocultas do
um olhar

Embriagado por seu perfume, sinto-me no direito de ser
apenas teu servo

No arrasto das pétalas, quero extrair todas as
substâncias para compor a rosa absoluta do teu sorriso
Queimo o incenso na esperança de suplantar a dor que
atravessa a minha sala

Ainda sinto o teu hálito quente e perfumado...





MARLEI CAMANHES DE OLIVEIRA

Cadeira nº 6
Patrona: Hilda Hilst



Natural da capital de São Paulo, reside em Louveira desde 2006.

Em 1973, deu início às suas aulas de desenho e pintura em tela, após ter frequentado a Escola Panamericana de Artes, e executa trabalhos em óleo sobre tela; mosaico e aquarela. Sua experiência a levou a ministrar aulas nesse campo, acumulando também reconhecimento por suas obras premiadas em exposições de Artes Plásticas.

*"Olha-me de novo. Porque esta noite olhei-me a mim,
como se tu olhaste."*

Hilda Hilst



BANDEJA - TÉCNICA: MOSAICO



BANDEJA - TÉCNICA: MOSAICO



AQUARELA - - 0,24 x 0,32 - "GIRASSÓIS"



NEUSA ROSSI CEVALHOS

Cadeira nº 12
Patrono: Guimarães Rosa



Jundiaiense, mudou-se para Louveira com 23 anos.

Aprendeu a arte de fazer crochê observando sua mãe desde muito menina.

Trabalhou por dezoito anos na Prefeitura Municipal de Louveira e, atualmente, é professora de artesanato.

*“Viver é muito perigoso. Porque aprender a viver
é que é o viver mesmo... Travessia perigosa, mas é a da vida.”*
Guimarães Rosa











ODETE MOSCOSPKI

Cadeira nº 5
Patrono: Aleijadinho



Nascida em Goiatuba, Goiás, reside em Louveira desde 1976.

É artesã de bonecos de pano, bordados, *patchwork* e *biscuit*.

"O que bem fizemos, bem ou mal, está feito, e se bem o fizemos, é patrimônio nosso; se o mal o fizemos, pena é que o nosso bem seja menos, e que o nosso mal seja mais."

Aleijadinho











SAMUEL MOSCOSPKI

Cadeira nº 1
Patrono: José Ademir Tasso



Natural de Jundiaí, São Paulo, reside em Louveira desde criança. Foi um dos idealizadores e fundadores da antiga Associação de Escritores de Louveira.

Ex-presidente e atual vice-presidente da Academia Louveirense de Letras e Artes, é autor da letra do Hino da ALLA.

Escritor e poeta, participou de várias antologias e teve obras premiadas e publicadas em diversos jornais.

Foi homenageado com moções de congratulações pela Câmara Municipal de Louveira.

“É só um cisne, morre na solidão das horas.”

José Ademir Tasso

Mãe Roceira

Mãe roceira foi minha mãe!

Que sempre viveu na roça e que, dentro de sua pobreza e de seu corpo frágil de mulher, conseguia carregar todo amor do mundo em seu pequeno coração.

Que trazia o M de mulher e o M de mãe junto aos calos de suas mãos, conseguidos junto ao eito, pelo cabo da enxada e do enxadão, para que, aos seus filhos, nunca faltasse o pedaço de pão.

Que se levantava antes do galo cantar, para acender o fogão de lenha e preparar o caldeirãozinho de comida que meu pai levava para a roça como seu almoço.

Que rezava ajoelhada aos pés da imagem da Virgem Maria, para que nada lhes faltasse em dia algum e ela tinha certeza plena de que a “outra Mãe” ouvia.

Que trazia no seu olhar de compaixão toda a pureza de sua humildade.

Que não se envergonhava de suas rugas e nem de sua pobreza. Nem mesmo dos remendos das suas roupas em que mal se conseguia reconhecer o seu verdadeiro tecido.

Que se mostrava ser a maior artista, equilibrando seu feixe de lenha sobre o coque, em cima de sua cabeça.

E, quando a tarde levava o dia, trazia, em seu rosto incansável de mãe, o sorriso mais lindo do mundo.

E, nas noites antes de rezar o terço, se transformava na mais ilustra e sábia das mulheres, fazendo do mundo um livro aberto, onde as lições eram decoradas com a palavra educação em seu sentido pleno.



Hoje, ela não nos reconhece e nem sabe mais quem sou.

Mas eu lhe digo, minha mãe: você é minha mãe, mãe da minha vida, do meu coração e não precisa nunca mais ter medo, pois cuidarei sempre de você, como um dia, também de mim cuidou!

Natal no Sertão

Sou uma criança de família pobre e
Que nasceu nesse imenso sertão.
A minha casa é aquela feita de barrote
E coberta de buriti, que fica logo ali
Atrás daquele espigão.
Ali *mora* eu, minha mãe e minha avó e
Mais cinco *criança* que são meus *irmão*.

Meu pai era um homem forte e muito *bão*
E para *salvá* o nosso boi *maiado*,
ele morreu esmagado
Junto à tora que levava para *sê* o nosso pilão.

E hoje é Natal...
E me corta o coração, *nóis* não *vamo*
Tê o doce de pé de moleque
Por falta do pilão e nem o carrinho de madeira
Que meu pai fazia à mão.

Até mesmo o Papai Noel
Não vem mais aqui no sertão.
Fica só lá na cidade, com tanta vaidade
Nem quer *sujá* suas *mão*...
Talvez ele tenha medo de *sujá*
Sua roupa vermelhinha, de carvão,
Porque a chaminé lá de casa é cheinha de *picomã*
E a parede da cozinha tá preta da fumaça do fogão.

Minha mãe manda a gente sempre *esperá*
Que o Papai Noel vai *chegá*...
Mas eu já escutei minha avó *falá* que aqui
Ele não vem mais não.
Eu já acabei de *acreditá* que ele tá rico em outro *lugá*,
E já se esqueceu das *criança* do sertão.



E mais um Natal eu *vô* ficar sem *podê*
Abraçá o Papai Noel...
Que tinha o cheiro do meu pai e que usava o seu sapatão.



SANDRA REGINA ROSSI

Cadeira nº 10
Patrona: Cora Coralina



Advogada, casada, paulistana de nascimento e louveirense de coração. Foi presidente da ALLA entre 2019 e 2021.

Sua adolescência foi definida pela presença constante do duo inseparável: lápis e papel. Onde quer que a natureza e o amor se encontrassem, o ímpeto de escrever aflorava. Eis a inspiração! Atualmente, esses elementos são cúmplices dos seus sentimentos e do seu cotidiano. A escrita lhe fascina!

Ficou em 3º lugar no concurso promovido pela Academia Internacional de Artes e Letras Sul-Lourençiana - AIL, em fevereiro de 2021, com a crônica *Na varanda da Casa de São Simão*, pela Literário Nacional com Luzeiros da Lagoa.

Fez parte da antologia *1001 Poetas*, promovida pela Casa Brasileira do Livro, entre outras coletâneas.

*"Se a gente cresce com os golpes duros da vida,
também podemos crescer com os toques suaves na alma."*

Cora Coralina

E Agora?

E agora, o que será de mim?
Quando tudo parece tão incerto,
Quando a vida se apresenta assim,
Será que consigo encontrar meu caminho certo?

E agora, o que fazer diante da dor,
Quando o coração está em pedaços,
Quando o amor parece sem sabor,
Será que ainda posso encontrar novos laços?

E agora, como seguir em frente,
Quando tudo parece tão confuso,
Quando a mente está turbulenta,
Será que ainda há um futuro auspicioso?

E agora, é tempo de recomeçar,
De acreditar que a vida pode surpreender,
De encontrar novas formas de amar,
E de tudo que parece difícil aprender.

E agora, é hora de ser forte,
De enfrentar cada desafio,
De encontrar o seu próprio norte,
E deixar para trás o vazio.

E agora, é tempo de seguir em frente,
Com a cabeça erguida e o coração aberto,
De acreditar no que o futuro nos reserva,
E de viver cada momento como um soneto.



Hoje e o Amanhã

Hoje sinto um mar de emoções
Que transborda do meu coração
E me faz buscar nas palavras
A expressão da minha paixão.

É um misto de dor e alegria
Que me invade como uma onda
E me leva para um mundo novo,
Onde a poesia é a minha resposta.

Amanhã não sei o que virá,
Mas sei que o sentimento estará lá
A me guiar pelos caminhos da vida,
E a me fazer ver a beleza que há.

Pode ser tristeza ou felicidade,
O que importa é sentir de verdade
E transformar em versos tudo o que virá
E, assim, a poesia sempre me acompanhará.

Então, hoje e amanhã, meu coração
Será a fonte de inspiração,
Para que os versos continuem a brotar
E, meu amor, sempre transbordar.

O Amor é Capaz de Transformar o Mundo

O amor é capaz de mudar o mundo,
Movendo montanhas e quebrando barreiras.
Onde antes havia dor e desespero,
Reina agora a esperança e o afeto.

É uma força que transforma o coração,
Mostrando que a empatia é a chave da união.
O amor é capaz de curar feridas,
Restaurando a paz e a alegria da vida.

É um sentimento que transcende o tempo,
Sendo capaz de atravessar gerações e momentos.
Capaz de unir pessoas e nações,
Alcançando o mais profundo dos corações.

Pode ser pequeno como uma semente,
Mas sua influência é gigante e evidente.
O amor é a chave para a mudança,
Despertando sorrisos e abraços na esperança.

O que Será de Nós

O que será de nós? Essa pergunta tem ecoado em minha mente ultimamente. Não consigo deixar de me perguntar o que o futuro nos reserva. Será que tudo ficará bem? Será que conseguiremos superar os desafios que se apresentam diante de nós?

A verdade é que o mundo mudou rapidamente nos últimos anos, e parece que a mudança é a única constante. A pandemia que assolou o mundo colocou em xeque muitas das nossas crenças e nos obrigou a repensar a forma como vivemos nossas vidas.

Mesmo antes da pandemia, já era possível sentir uma inquietação no ar. As mudanças climáticas, a instabilidade política em muitos países, o avanço tecnológico acelerado – tudo isso contribuiu para uma sensação de incerteza em relação ao futuro.

E agora, a pandemia, ela se foi ou ainda nos assola?! Essa sensação se intensificou. A economia foi abalada, muitas pessoas perderam seus empregos, e a saúde mental de muitos foi afetada. E ainda há muitas incertezas em relação à própria pandemia, quanto tempo ela durará, como será a vida pós-pandemia?

Mesmo diante de tudo isso, eu ainda acredito que há esperança. A história nos ensina que a humanidade já enfrentou muitas crises ao longo dos séculos, e que sempre foi capaz de se reinventar e superar os desafios.

E há muitas razões para acreditar que seremos capazes de fazer o mesmo agora. A solidariedade e a empatia que surgiram durante a pandemia mostram que ainda há muito de bom na natureza humana. A tecnologia nos permitiu continuar conectados, mesmo à distância. E muitas pessoas estão repensando suas vidas e prioridades, buscando um estilo mais sustentável e saudável.

O que será de nós? Eu não sei ao certo. Mas eu escolho acreditar que, juntos, podemos construir um amanhã melhor.

Um futuro em que a solidariedade, a empatia e a sustentabilidade sejam valores centrais.

Um futuro em que as tecnologias possam ser utilizadas para nos conectar e melhorar nossas vidas, e não para nos afastar uns dos outros.

O amanhã pode ser incerto, mas eu escolho acreditar que podemos enfrentá-lo. E você?





SONIA BALDO

Cadeira nº 25
Patrona: Cecília Meireles



Funcionária pública há 30 anos, em Louveira e Vinhedo, exerce – na Secretaria de Assistência Social – a função de recepcionista.

Suas habilidades incluem organizar eventos. Seus *hobbies*: ouvir músicas e escrever – escreve poemas, contos e crônicas desde menina, lá na roça, em meio ao cafezal.

O seu envolvimento com a escrita literária começou em 2007, quando se tornou membro da Associação dos Escritores e, em 2015, ingressou na ALLA.

Seu objetivo: *somar, juntos com os acadêmicos, a alegria do sonho, da realização de lançar livros, enaltecedo nossa cidade, enchendo o universo de poesias.*

*“Não sejas o de hoje.
Não suspires por ontem...
Não queiras ser o de amanhã.
Faze-te sem limites no tempo.”*
Cecília Meireles

Um Sonho a Navegar

Deixe que eu te fale com ternura
o que eu quiser falar.

Deixa-me navegar no teu mar,
e nas ondas desafiar a tempestade e o vento
para o tempo acalmar.

Deixa-me ser a estrela do teu céu,
para que, aonde fores, eu possa te acompanhar.
Deixa-me ser a tua fonte luminosa,
para ver teu sorriso constante a brilhar.

Deixa-me desvendar teus mistérios,
para o teu amor revelar.
Deixa-me ser tua saudade,
que faz morada no teu olhar.

Deixa-me mergulhar no teu ser,
para sentir a liberdade e na imensidão poder voar
Deixa-me preencher a magnitude do teu espaço,
para eu reconhecer o meu lugar,
pois a melhor parte da minha vida
é quando estou ao teu lado.

O Velho Açude

Visitando a fazenda
O velho açude avistei
As lembranças vieram à mente
E de saudade eu chorei...

Meus olhos lacrimejados
Ao longe a alcançar
Em silêncio o correr da água
A mata adentrar

A ponte da travessa
Inspirava sonhos em profusão
Poesias vinham como promessa
Agora, é só metade. Que solidão!

Hoje olho para o açude
E me ponho a chorar
A saudade dói no peito
Lembrando do meu pai lá, a pescar

Tempo difícil foi aquele
Não conhecia outro lugar
Naquele açude ele ia
Para a nossa fome saciar

Vai devagar, meu velho açude
Leve as águas devagar
Só não deixe nesta vida
Sua água aqui secar.

Estrada da Vida

Temos estrada a percorrer
Não podemos desistir
Obstáculos vão e vêm
Tentando nos fazer cair

Alguém estende a mão
E vamos nos levantar
Na verdade, eu nem cai
Eu só fiz tropeçar

A fé e a esperança
Não podem nos faltar
Encarar com alegria
E sonhos vão se realizar

De mãos dadas com a paz
Continuamos a caminhar
Agradecendo a cada amanhecer
E levando a vida a cantar.





UBIRAJARA DE SOUZA TAVARES

Cadeira nº 18
Patrono: Geraldo Barbosa Tomanik



Natural de Campos - RJ, reside em Louveira desde 1960.

Médico Pediatra, formado pela Faculdade Fluminense de Medicina, especializou-se no curso de Médico do Trabalho pela Faculdade de Medicina de Jundiaí. Formou-se também em Direito, pela Faculdade Padre Anchieta - Jundiaí.

Escritor, é autor de dois livros, participou de diversas coletâneas e ganhou o Concurso de Contos do Jornal de 2^a Feira, de Jundiaí.

É membro da Associação de Artistas Plásticos de Jundiaí; da Academia Jundiaiense de Letras; e membro-correspondente da Academia Pedralva de Campos.

"O objetivo dos museus é educar o homem. Por isso não se entende a palavra museu desligada da palavra educação."

Geraldo Barbosa Tomanik

Cromo

Vou pelo cais e tombam das nogueiras
as folhas mortas, rubras, pardacentas.
Rugem as ondas, rolam violentas,
deixando véus de espumas nas esteiras.

Caem as flores fulvas e cinzentas
dos ramos dos ipês, das trepadeiras...
A tarde finda... horas derradeiras
que fogem luzes e agonizam, lentas

O sol se põe sem brilho e gambiarra
e a tudo e todos a tristeza invade...
Lembranças do passado... Uma saudade
do rosto da mulher que sempre quis.

Vou pelo cais e sonho ser feliz,
enquanto canta, ao longe, uma cigarra.

Se

Se cansados meus passos tu notares,
Crê que foi longa a estrada percorrida,
Tentando esquecer em minha vida
Quem nessa vida só me deu pesares.

Se algum dia eu te chamar — *querida!*,
Querida, tu serás, mas, pelos mares
As dores ficarão e, pelos ares,
A lembrança de um alguém será perdida.

Assim, então, levar-te-ei aos céus,
Nas asas desse amor que libertaste,
Cantado, sim, por versos que são meus.

Se o destino cruel a outro fim,
Para nos reservar, eis o contraste,
Não pergutes por mim, e de onde vim!

Angústia por Amar

Ouço as pancadas dum relógio velho,
Na velha sala do meu lar amigo;
Nervoso fumo e vejo que, no espelho,
Espelha a angústia que está comigo.

Tento lembrar. Lembrar-me dum conselho,
Que me aconselhe e que me dê abrigo,
Pra que não sofra dor, nem desatino.

Ouço soluços. O meu peito chora
O choro ardente do amor perdido.
Quero lhe amar... Amar por toda hora...
Só tenho os sonhos do amor vivido.

Eu lhe pergunto: por quê? Logo agora
Chamar a outro alguém de "meu querido",
Se lhe amar, meu bem, é o meu destino!









A porta que está lá carrega muitas histórias
que nunca serão contadas; que nunca foram ditas.
Mas a porta, em si, contaria alguma história
além da imaginação?

Não. Portas não têm imaginação. Imaginação é coisa de gente.

Será mesmo?

É tanta gente sem imaginação... ou será que falta em nós
imaginação para percebermos a imaginação dos outros?
Talvez a segunda hipótese seja a mais cabível
dentro deste mundo com inúmeras portas.

Mesmo que seja assim, nesta porta – restaurada pelo tempo
e pelas mãos que deixam marcas –, uma dose de criatividade
para sobreviver através dos tantos anos já passados.

Então, diante da preguiça que reina em nós, a ideia.
A tosca ideia de que uma porta serve, somente,
para entrar ou sair,
sem mais nenhuma serventia.
Mas, aí vem a pergunta: entrar e sair não são
as coisas mais importantes das nossas vidas?

*Entrar e sair vai muito além da porta, desta aqui
e de todas as outras, seja ela larga ou estreita.*

É neste ponto que nossas mentes entram em devaneio,
e tentam destrancar preconceitos
em relação a portas, entradas e saídas.

Por João Batista





ACADEMIA LOUVEIRENSE
DE LETRAS E ARTES



Ana Laura de Carvalho Patrão
Cadeira nº 9
Patrono
Ariano Suassuna



Andrea Pelegrinelli
Cadeira nº 36
Patrono
João Cabral de Melo Neto



Aparecido Bi de Oliveira
Cadeira nº 35
Patrono
Edilson Caldeira



Armando José Heimann
Cadeira nº 37
Patrono
Monteiro Lobato



Benedito Aparecido Corrêa
Cadeira nº 20
Patrono
José Fortuna



Carlos Miceli
Cadeira nº 33
Patrono
Tom Jobim



Carlos Tiokal
Cadeira nº 30
Patrono
Noel Rosa



Cida Reis
Cadeira nº 28
Patrono
Carlos Drummond de Andrade



Darcio Calligaris
Cadeira nº 13
Patrono
Augusto dos Anjos



Daciui Pagotti
Cadeira nº 16
Patrono
Humberto de Campos



Donizete Saraiva Deolindo
Cadeira nº 26
Patrono
José Rico



Eleide Reges
Cadeira nº 27
Patrono
Jorge Amado



Erick Rolf
Cadeira nº 4
Patrono
Oswald de Andrade



Gerson Domingos de Oliveira
Cadeira nº 38
Patrono
Gonçalves Dias



Gil Leonardí
Cadeira nº 2
Patrono
Machado de Assis



Giovanni Cunha
Cadeira nº 24
Patrono
Elyceu Queiroz de Souza



Hercílio Soares
Cadeira nº 23
Patrono
Paulo Autran



Iris de Oliveira Verzaro
Cadeira nº 3
Patrono
Casimiro de Abreu



João Batista
Cadeira nº 22
Patrona
Clarice Lispector



Júlia Fernandes Heimann
Cadeira nº 15
Patrono
Synésio Ascêncio



Larissa Scomparim
Cadeira nº 11
Patrono
Vinícius de Moraes



Lourival de Barros Santos
Cadeira nº 31
Patrono
Rubem Alves



Marlei Camanhes de Oliveira
Cadeira nº 6
Patrona
Hilda Hilst



Neusa Rossi Cevalhos
Cadeira nº 12
Patrono
Guimarães Rosa



Odete Moscoski
Cadeira nº 5
Patrono
Alefjadinho



Samuel Moscoski
Cadeira nº 1
Patrono
José Ademir Tasso



Sandra Regina Rossi
Cadeira nº 10
Patrona
Cora Coralina



Sonia Baldo
Cadeira nº 25
Patrona
Cecília Meireles



Ubirajara de Souza Tavares
Cadeira nº 18
Patrono
Geraldo Barbosa Tomanik



@ALLA.LETRAS



Ana Laura de Carvalho Patrão
Andrea Pelegrinelli
Aparecido Bi de Oliveira
Benedito Aparecido Corrêa
Carlos Miceli
Carlos Tiokal
Cida Reis
Darcio Calligaris
Diacuí Pagotti
Donizete Saraiva Deolindo
Eleide Reges
Erick Rolf
Gerson Domingos de Oliveira
Gil Leonardi
Giovanni Cunha
Iris de Oliveira Verzaro
João Batista
Júlia Fernandes Heimann
Larissa Scomparim
Lourival de Barros Santos
Marlei Camanhes de Oliveira
Neusa Rossi Cevalhos
Odete Moscospki
Samuel Moscospki
Sandra Regina Rossi
Sonia Baldo
Ubirajara de Souza Tavares

